



**CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

**ALINE GOMES DOS SANTOS**

**AS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DA ARTE TUMULAR DOS  
CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA-BA**

CACHOEIRA  
2013

**ALINE GOMES DOS SANTOS**

**AS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DA ARTE TUMULAR DOS  
CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA-BA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato.

CACHOEIRA

2013

**ALINE GOMES DOS SANTOS**

**AS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DA ARTE TUMULAR DOS  
CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA-BA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 16 maio de 2013.

**Banca Examinadora**

Fabiana Comerlato - Orientadora \_\_\_\_\_  
Pós-Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Sabrina Sant'Anna Mara \_\_\_\_\_  
Mestre em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Angela Cristina Salgado de Santana \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Estadual de Feira de Santana

“Temos a arte para não morrer da verdade.”

F. Nietzsche

## **AGRADECIMENTOS**

Chegando ao fim de mais uma etapa em minha vida quero agradecer a aqueles que fizeram parte desta caminhada e me ajudaram no percurso.

A Jesus Cristo, mestre dos mestres, pelas suaves inspirações, coragem e força em todos os momentos de minha e, sobretudo neste.

Aos familiares: meus pais, Antonio e Lindinalva, pelo incondicional apoio, pela torcida e pelo zelo a mim dispensado. A minha avó Teresa pelas orações e palavras de incentivo. A minha irmã e irmãos pela torcida.

Ao meu esposo, Isaac Tito, por todo o amor e dedicação que tem por mim. Agradeço pela paciência e colaboração nos momentos que eu mais precisei.

A minha orientadora, professora Fabiana, pela atenção e cuidado dispensados em minha orientação. É admirável sua dedicação com os seus orientandos. Seu empenho, sempre enviando subsídios para que eu pudesse verdadeiramente conhecer sobre o tema pesquisado, muito me fortaleceu e me incentivou a não desanimar. Espero ter correspondido, mesmo que minimamente, a essa dedicação. Tenho certeza que aprendi muito mais do que só conhecimento científico.

Aos meus amigos, do quarteto da Igreja, Pe. Cid, Maria e Adeilson por esses anos de companheirismo e amizade. Por todos os dias ao longo desses anos de formação acadêmica. Foram momentos maravilhosos!

A minha amiga Izabel Cristina, por me indicar a Museologia como escolha de curso, foi uma indicação bastante oportuna. Hoje não me vejo trilhando outro caminho. Apaixonei-me!

Às colegas de graduação, Fátima Pombo, Naiara Lima, Milena Maia, Neta Ferreira, Rosenilda, Aline Bárbara, Ewamy, Cal e Renata, pela convivência estudantil.

Ao Sr. Haroldo Borja pela doação do acervo bibliográfico de sua falecida esposa, a Museóloga Neusa Borja.

Aos funcionários das instituições pesquisadas: Sr. Oséias do Arquivo Público de São Félix, sempre prestativo. Os coveiros do cemitério da Piedade, pelas informações. O Prior da Ordem Terceira do Carmo, Ivo Santana e Acely, do Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira pela disponibilidade.

Aos professores da UFRB nas pessoas de Wilson Penteado, Carlos Ribeiro, Suzane, Camila, Carlos Costa, Roberto Evangelista e Sabrina Mara pelos conhecimentos partilhados ao longo desses quatro anos.

Aos funcionários da UFRB, nas pessoas de Alex e João, pelos auxílios concedidos quando solicitado. Enfim, a todos que de uma forma ou de outra colaboraram para a minha formação acadêmica.

A todos vocês,

**MUITO OBRIGADA!**

SANTOS. Aline Gomes dos. As representações iconográficas da arte tumular dos cemitérios de Cachoeira-BA. 87 f. il. 2013. Monografia (Graduação) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2013.

## **RESUMO**

A presente pesquisa buscou interpretar iconograficamente as representações escultóricas dos cemitérios de Cachoeira, as quais enquanto portadoras de valores simbólicos representam os ritos funerários da coletividade. A comunicação museológica foi abordada buscando perceber a interação da comunidade com o seu patrimônio e como se processa esta comunicação dentro do espaço cemiterial. Os procedimentos adotados consistiram na interpretação das esculturas tumulares e da proposta de musealização dos espaços cemiteriais, visto que a preservação desses recintos se faz urgente e necessária para que sejam salvaguardados os objetos e os ritos funerários, os quais constituem o patrimônio cultural da cidade e de seus habitantes.

**Palavras-chave:** Cemitério. Iconografia. Arte Tumular. Comunicação museológica. Musealização.

## **LISTA DE SIGLAS**

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ABEC – Associação Brasileira de Estudo Cemiteriais

LADA – Laboratório de Documentação e Arqueologia

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 Siglas utilizadas para identificação dos cemitérios	31
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Sítio Praça da Sé, Salvador (BA)	15
Figura 2 Sítio Praça da Sé, Salvador (BA)	15
Figura 3 Debret, prancha 31, superior	16
Figura 4 Debret, prancha 31, superior	16
Figura 5 Cemitério Varazdin, Croácia	21
Figura 6 Vista interior do cemitério Del Verano, Roma	21
Figura 7 Figura antropomorfa de anjo, cemitério Del Verano, Roma	21
Figura 8 Interior do cemitério Prado do Repouso, Porto, Portugal	22
Figura 9 Escultura funerária, cemitério Prado do Repouso, Porto, Portugal	22
Figura 10 Vista frontal da alegoria da Fé, Campo Santo, Salvador	25
Figura 11 Vista de fundo da alegoria da Fé, Campo Santo, Salvador	25
Figura 12 Vista geral do cemitério de Mucugê, Bahia	26
Figura 13 Vista interior do cemitério de Mucugê, Bahia	26
Figura 14 Fachada do cemitério La Recoleta e túmulo de Eva Peron, Argentina	28
Figura 15 Cemitério Père Lachaise, França	28
Figura 16 Pietá em bronze, cemitério da Consolação, São Paulo	29
Figura 17 Casa de Memória, cemitério dos Imigrantes, Joinville, SC	29
Figura 18 Vista geral das sepulturas, cemitério dos Imigrantes, Joinville, SC	29
Figura 19 Mausoléu. Campo Santo, Salvador	30
Figura 20 Arte tumular. Campo Santo, Salvador	30
Figura 21 Vista panorâmica do cemitério dos Nagôs	33
Figura 22 Fachada do cemitério dos Nagôs	33

Figura 23 Vista panorâmica do cemitério do Carmo	34
Figura 24 Fachada do cemitério do Carmo	34
Figura 25 Fachada do cemitério da Piedade	36
Figura 26 Fachada atual do cemitério da Piedade	36
Figura 27 Vista geral da sepultura	42
Figura 28 Vista lateral da alegoria da Fé	42
Figura 29 Vista de fundo da alegoria da Fé	42
Figura 30 Detalhe da alegoria da Fé	42
Figura 31 Vista geral da alegoria da Esperança	43
Figura 32 Vista lateral direita da alegoria da Esperança	43
Figura 33 Vista de fundo da alegoria da Esperança	44
Figura 34 Vista lateral esquerda da alegoria da Esperança	44
Figura 35 Vista frontal da alegoria da Pranteadora orante	44
Figura 36 Vista lateral direita da alegoria da Pranteadora orante	44
Figura 37 Vista de fundo da alegoria da Pranteadora orante	45
Figura 38 Vista lateral esquerda da alegoria da Pranteadora orante	45
Figura 39 Detalhe da alegoria da Pranteadora	45
Figura 40 Vista de fundo da alegoria da Pranteadora	45
Figura 41 Vista lateral esquerda da alegoria da Pranteadora	46
Figura 42 Vista frontal da alegoria da Pranteadora	46
Figura 43 Vista geral da sepultura	46
Figura 44 Vista parcial da invocação cristológica, Bom Pastor	46
Figura 45 Vista de fundo da invocação cristológica, Bom Pastor	47
Figura 46 Vista frontal da invocação cristológica, Bom Pastor	47
Figura 47 Vista frontal da invocação cristológica, Coração de Jesus	47
Figura 48 Vista lateral esquerda da invocação cristológica, Coração de Jesus	47
Figura 49 Vista de fundo da invocação cristológica, Coração de Jesus	48
Figura 50 Vista lateral direita da invocação cristológica, Coração de Jesus	48
Figura 51 Vista geral da sepultura	49
Figura 52 Vista lateral direita do anjo querubim orante	49
Figura 53 Vista lateral esquerda do anjo querubim orante	49
Figura 54 Vista de fundo do anjo querubim orante	49
Figura 55 Vista geral da sepultura	50

Figura 56 Vista frontal do anjo querubim orante	50
Figura 57 Vista lateral esquerda do anjo querubim orante	50
Figura 58 Vista de fundo do anjo querubim orante	50
Figura 59 Vista geral da sepultura	51
Figura 60 Vista frontal do anjo querubim	51
Figura 61 Vista lateral esquerda do anjo querubim	51
Figura 62 Vista de fundo do anjo querubim	51
Figura 63 Placa informativa do circuito de visitação. Campo Santo, Salvador	54
Figura 64 Visitantes no circuito de visitação. Campo Santo, Salvador	54

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 OS CEMITÉRIOS PELA ÓTICA PATRIMONIAL</b>	15
1.1 Cemitérios como expressão artística	19
1.2 Cemitérios como monumento	22
1.3 Cemitérios como museu	26
<b>2 HISTÓRICO DOS CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA</b>	31
2.1 Cemitério dos Nagôs	32
2.2 Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo	33
2.3 Cemitério de Nossa Senhora da Piedade	35
<b>3 AS REPRESENTAÇÕES ESCULTÓRICAS NA PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA</b>	38
3.1 Metodologia de registro das representações escultóricas tumulares	38
3.2 Interpretação das representações escultóricas	41
3.3 Proposta de musealização dos cemitérios de Cachoeira	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	58
<b>GLOSSÁRIO</b>	65
<b>APÊNDICE</b>	69

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura iconográfica acerca das representações escultóricas existentes nos cemitérios da Piedade, dos Nagôs e da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira, assim como estudar a comunicação museológica destas esculturas, enquanto portadores de informação, de forma funcional e simbólica, dentro do contexto cemiterial.

A cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo baiano, recebeu o título de Cidade Heróica através da Lei Provincial de 13 de março de 1837 e Patrimônio Histórico Artístico Nacional em 1971, conferido pelo SPHAN (atual Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). A cidade possui um singular patrimônio artístico, paisagístico e cultural. Além da arquitetura, paisagem e manifestações culturais, Cachoeira tem um patrimônio funerário, pouco conhecido, exposto em suas necrópoles. Nos espaços foram identificadas nove representações escultóricas, sendo duas esculturas no cemitério do Carmo, uma no cemitério dos Nagôs e seis no cemitério da Piedade as quais serão analisadas iconograficamente neste trabalho. O espaço funerário será considerado aqui enquanto instituição museológica, isto é, potencialmente com fins museológicos, visto que se pode realizar a pesquisa, a preservação e a comunicação. O cemitério dos Alemães não integrará esta pesquisa, pois as práticas protestantes não permitem o uso de imagens antropomorfas em seus túmulos.

A arte tumular ainda é um tema pouco estudado, mas em crescente expansão, por isso se torna um dos motivos para ser abordado nesta pesquisa. O segundo deve-se à minha participação, como estudante bolsista no projeto “Os cemitérios de Cachoeira e São Félix: identificação, análise e preservação” sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato. O terceiro e último motivo, refere-se ao fato de que o tema da morte sempre esteve fortemente enraizado em minha trajetória de vida<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Lembro-me de ter participado do sepultamento de um bebê de poucos meses de nascido. No qual as crianças - eu era uma delas e tinha entre seis e sete anos de idade - transportavam o pequeno corpo depositado em um caixão branco. Assim como frequentemente visitava o cemitério municipal com uma tia ou amiga de minha mãe para proceder à retirada dos ossos de algum familiar ou participar de sepultamentos.

Portanto, falar de cemitério, morte, sepultamento e arte tumular é para mim muito mais do que simplesmente produzir uma pesquisa, é estabelecer conexões entre minha própria trajetória de vida. Sendo assim, o despertar para a temática do cemitério tem uma motivação pessoal, além da acadêmica.

A participação no grupo de pesquisa Recôncavo Arqueológico e as pesquisas sobre o tema me proporcionou a participação, na publicação de um artigo<sup>2</sup> juntamente com a Prof.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato e outros bolsistas que integram o grupo.

Através da comunicação museológica se buscou entender como a arte tumular, em suas representações escultóricas, se comunica dentro do contexto cemiterial e como pode ser utilizada e analisada enquanto portadora de valores simbólicos.

Os cemitérios são espaços evocativos que perpetuam a memória das pessoas ali inumadas. Os familiares e amigos dos sepultados querem perpetuar a lembrança de cada um e para isto utilizam-se de objetos funerários como lápides, epitáfios, imagens alegóricas e mausoléus para eternizar a memória ou reproduzir simbolicamente os sentimentos pelo ente querido que ali foi sepultado.

O presente trabalho utiliza como fonte, além das referências bibliográficas, o acervo tumular dos próprios cemitérios. As fontes documentais escritas pesquisadas foram: as atas da mesa administrativa do arquivo da Santa Casa de Misericórdia, os jornais dos arquivos públicos das cidades de Cachoeira e São Félix e os atestados de óbito e atas da mesa administrativa do Arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo. No Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira encontramos as atas referentes à compra do terreno, construção e inauguração do cemitério da Piedade. Os arquivos públicos de Cachoeira e São Félix abrigam jornais do século XIX que informam sobre sepultamentos nas carneiras do cemitério da Piedade e o lançamento da pedra fundamental do cemitério da Ordem Terceira do Carmo. O Arquivo da Venerável Ordem Terceira de Cachoeira salvaguarda atestados de óbitos dos primeiros sepultamentos no espaço.

Quanto à estrutura desta monografia desenvolvemos três capítulos. O primeiro capítulo abordará os cemitérios enquanto patrimônio cultural da sociedade cachoeirana, sua beleza artística e sua concepção como monumento. Além de

---

<sup>2</sup> Preservação dos cemitérios de Cachoeira e São Félix, Bahia: Apontamentos para a sua conservação. In: Revistainter-legere. Janeiro a junho de 2013.

entendê-lo, também, como uma instituição que desenvolve ações de caráter museológico e por isso deve ser percebido como um museu a céu aberto.

O segundo capítulo apresentará o histórico de cada cemitério, sua data de fundação, compra de terrenos, dados históricos sobre a administração dos mesmos, ou seja, as informações acerca de cada necrópole. Em tempo, também apresentamos antigos registros iconográficos dos cemitérios para que possamos compreender um pouco mais sobre a sua transformação ao longo das décadas.

O terceiro capítulo apresentará as esculturas tumulares na perspectiva da comunicação museológica. Será apresentada a teoria que norteia a arte funerária e a comunicação museológica, a partir da qual podemos perceber como é concebida a relação do homem com o objeto funerário dentro de um espaço museal, além de mostrar a metodologia utilizada para alcançar o resultado da pesquisa.

A análise iconográfica das representações escultóricas será embasada pelos métodos iconográficos e iconológicos apontados por Erwin Panofsky (2004), facilitando a leitura e interpretação das alegorias. Assim como será feita a inserção do tema na área da comunicação museológica e a proposta de musealização dos espaços fúnebres de Cachoeira.

O glossário trará o significado de nomes específicos referentes aos espaços cemiteriais, utilizados para a identificação das sepulturas e suas características durante o levantamento de campo. O apêndice apresentará as fichas que foram preenchidas a partir das observações *in loco*, as quais serviram de subsídios para a interpretação das representações escultóricas.

## CAPÍTULO 1

### CEMITÉRIOS PELA ÓTICA PATRIMONIAL

O termo cemitério designa o lugar onde se dorme, é o local onde são depositados os restos mortais da pessoa que deixou a vida para adormecer na morte. São espaços que “surgiram da necessidade de um local de destino para os mortos, que no Brasil, habitaram o chão das igrejas até a metade do século XIX” (CARVALHO, 2010, p. 540).

No período oitocentista a sociedade vivia um catolicismo barroco, impregnado de dramaticidade. Muito se pensava na morte e em como ter uma boa morte, “o enterro era objeto de um cerimonial teatral, consentâneo com a categoria social do morto” (FONSÊCA, 2006, p. 287-288). Os católicos se associavam às irmandades e ordens terceiras para que tivessem direito a enterros dignos e serem rezadas missas em sufrágio de suas almas.

Na Igreja da Sé de Salvador, por exemplo, durante escavações arqueológicas, foram encontrados vários sepultamentos dos fiéis e membros de irmandades que lá foram enterrados. O recinto sagrado “foi o maior e um dos mais importantes templos que existiram na metrópole, sendo, durante pouco mais de dois séculos, a catedral diocesana do Brasil.” (COSTA, 2011, p. 53).



Figura. 1: Sítio Praça da Sé, Salvador, BA (ETCHEVARNE, 2001).



Figura. 2: Sítio Praça da Sé, Salvador, BA (ETCHEVARNE, 2001).



As irmandades para existirem precisavam ser acolhidas em alguma igreja e ter aprovado, pela autoridade eclesiástica, o seu estatuto ou compromisso, e assim poderem realizar suas atividades que consistiam, basicamente, em festejar seus santos de devoção e enterrar, dignamente, seus mortos. Os enterros eram realizados dentro das igrejas e quem tinha direito aos lugares mais próximos do altar eram os irmãos de maiores posses e distinção social.

Na primeira metade do século XIX visando uma maior higienização do espaço urbano e temendo a proliferação de doenças devido aos miasmas e gases liberados pelos cadáveres enterrados dentro das igrejas, os médicos sanitaristas começaram debates acerca da criação de cemitérios secularizados. Foi o advento da febre amarela que veio acelerar o processo e, conseqüentemente, proibir o sepultamento dentro dos espaços sagrados. Era necessário tirar os enterros do interior das igrejas e levá-los para os cemitérios extramuros, mas “a construção de cemitérios a céu aberto só ocorreu com a lei de 1º de outubro de 1828, promulgada por D. Pedro I” (BORGES, 2001, p. 10). As gravuras de Jean Baptiste Debret ilustram como eram realizados os enterramentos e as várias tipologias de caixões, neste período (Figs. 3 e 4).



Figura 3: Debret, prancha 31 — superior, Manhã da Quarta-Feira Santa. Na manhã de quarta-feira de cinzas, fiéis aguardam a confissão e a comunhão sentados no chão, sobre as sepulturas da igreja de nossa senhora Mãe dos Homens, na rua da Alfândega. Enquanto os sepultamentos eram feitos no interior das igrejas, a maioria delas não tinha bancos como hoje em dia, visto que suas covas eram constantemente abertas para receber novos cadáveres. Os poucos bancos que pudessem haver eram destinados à elite senhorial.



Figura 4: Debret, prancha 26 — superior, *Diversos tipos de esquife*. No componente 4, vê-se uma moça vestida de santa num caixão sem tampa; no componente 5, um homem vestido com o hábito de santo Antônio; e, no componente 6, uma mulher vestida de santa Tereza. Ainda nesta imagem podemos ver, no componente 7, o exemplo de um caixão sem tampas alugado apenas para transportar o morto, com tiras destinadas a retirar o corpo para a ser enterrado ou depositado em um jazigo.

João José Reis analisa as mudanças ocorridas nas atitudes dos homens diante da morte e dos mortos na cidade de Salvador e como o evento denominado a cemiterada afetou as formas de enterramentos dos católicos:

O episódio, que ficou conhecido como Cemiterada, ocorreu em 25 de outubro de 1836. No dia seguinte entraria em vigor uma lei proibindo o tradicional costume de enterros nas igrejas e concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos (REIS, 1991, p. 13).

Neste momento há discussões sobre o homem frente à morte e o medo que os mortos contaminassem os vivos. Com os enterramentos extramuros a morte adquiriu “um sentido novo: de exaltação, de desejo e de dramatização aplicada” (BORGES, 2003, p.4). Neste contexto a morte ganhou um novo conceito, o de “morte burguesa”, oriunda do pensamento de uma “sociedade burguesa que para se afirmar, sentir-se individualizada e única, passou a encomendar a escultores e artistas-artesãos obras que expressassem seu gosto e suas pequenas fantasias advindas do ‘inconsciente coletivo’” (ARIÉS,1977, apud BORGES, idem). A mudança da mentalidade da época em relação às formas de enterramento, a proibição dos sepultamentos dentro das igrejas e o surgimento dos cemitérios secularizados ocasionaram o aparecimento de esculturas cada vez mais suntuosas para ornarem os túmulos.

As sepulturas, então, passaram a ser ornadas com estatuárias que simbolizam as práticas cristãs, decorrentes das grandes mudanças porque passou a morte burguesa, e a nova configuração da sociedade representar a forma de enterrar seus mortos. O símbolo cristão representado com maior recorrência nos túmulos, por causar comoção, é a cruz, pois “é um dos mais velhos e universais de todos os símbolos, por agregar o emblema da expiação, da salvação e redenção do cristianismo” (BORGES, ibidem, p.6).

Os símbolos cristãos e os profanos que estão representados nos recintos funerários são entendidos como arte cemiterial que, segundo Eduardo Resende, seria:

(...) uma forma de representação que está ligada à cosmovisão de determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, interpretando a vida e a morte (REZENDE, 2007, p.57).

O recinto funerário é parte integrante do patrimônio histórico e artístico da cidade de Cachoeira, por ser portador da reprodução simbólica dessa sociedade, e sob essa ótica será analisado neste capítulo, visto que, enquanto espaços que evocam memórias, os cemitérios abrigam em suas arquiteturas funerárias um rico acervo que, como tal, precisa ser pesquisado, preservado e comunicado. São testemunhas das divisões sociais e religiosas ao longo de toda sua história.

O patrimônio constitui a herança de um povo que testemunha às futuras gerações a riqueza cultural de seus antepassados. Etimologicamente patrimônio significa “herança paterna”, é, pois o legado que uma sociedade herda e que vai transmitindo de geração a geração, são os seus referenciais de vida. O conjunto de bens móveis e imóveis de valor arquitetônico, histórico, paisagístico, arqueológico e ecológico representa o patrimônio histórico, cultural e ambiental de um determinado grupo.

A Declaração de Caracas coloca que “o patrimônio cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que lhe constituem, incluindo o meio ambiente natural” (PRIMO, 1999, p. 240). Partindo desta noção, percebemos os recintos funerários como patrimônio material e imaterial, visto que nesses espaços se materializam, a partir de seus objetos mortuários, as formas através das quais as sociedades encontraram para sepultar e cultuar seus mortos.

É o patrimônio cultural que vai expressar a identidade de um povo, revelando o modo de ser dessa sociedade, assim sua proteção se torna indispensável à medida que é relevante para a preservação dos seus valores históricos.

Portanto, o cemitério enquanto reprodução simbólica constitui patrimônio cultural porque salvaguarda em seus objetos e ritos fúnebres as práticas funerárias das sociedades. Partindo dessa noção de cemitério como bem patrimonial a pesquisa analisará esses espaços na perspectiva artística, monumental e museológica.

## 1.1. CEMITÉRIOS COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

A arte funerária ao longo da história passou por transformações desde o período pré-histórico, quando os sepultados eram enterrados com pequenas estátuas de cerâmica, até a época gótica, quando “amplia-se na arte funerária o uso de anjos, da personificação da Igreja, da fé, esperança e caridade, dos escudos, das figuras de Cristo e dos santos” (BELLOMO, 2008, p.41).

Apesar de já existir uma boa produção bibliográfica internacional sobre a arte cemiterial, no Brasil o tema ainda é um pouco estudado. Contudo, tem havido um maior interesse dos pesquisadores acerca das atitudes do homem diante da morte no momento da troca dos lugares dos sepultamentos, a saída do enterro do interior dos espaços sagrados para os extramuros. O pesquisador Clarival do Prado Valladares (1973), pioneiro nos estudos cemiteriais, nos faz perceber a importância da arte que existe nos cemitérios brasileiros e da necessidade de sua preservação, visto que os monumentos tumulares sofrem constantemente atos de vandalismo, roubo, intempéries e toda forma de destruição dos seus ornamentos.

As esculturas funerárias que encontramos nos cemitérios de Cachoeira nos fazem entender as práticas de enterramento e a relação simbólica do universo social:

O cemitério é um desses espaços privilegiados, pleno de significados e carregado de símbolos de sociabilidade. Talvez uma das formas mais transparentes das representações idealizadas do urbano e da mentalidade da época esteja nas alegorias escultóricas e nos monumentos cemiteriais (MENDES, 2007).

A partir dos monumentos funerários podemos perceber como a burguesia passou a retratar sua distinção econômica e social na forma de sepultar os mortos. Os túmulos sofisticados e monumentais representavam a nova configuração da morte, que não consistia mais na crença na salvação da alma, mas em ratificar seu

poderio econômico, pois estavam preocupados com a beleza e suntuosidade dos monumentos, os quais configuram verdadeiras obras de arte.

A sociedade burguesa passa então a contratar artistas-artesãos e marmoristas para darem forma a essa nova configuração de representar a morte. As obras eram importadas ou reproduzidas segundo os modelos executados pelos marmoristas europeus. Carregada de simbologia, a arte funerária representa a forma dada pelos artistas a essas encomendas. Diante disso “transmitiam aos seus aprendizes e empregados uma mensagem de valor moral e espiritual, cada vez que um túmulo [...] seria confeccionado, diferenciando assim das demais encomendas (BORGES, 2003).

Logo, a arte funerária é transmissora de significados que refletem o gosto de uma classe dominante, que procurou demonstrar e evidenciar, através da arte, “(...) representações diversas que (...) buscaram construir sobre si mesma por meio de edificações tumulares grandiosas, mediante as quais marcaram sua posição de classe e referendaram a origem de suas genealogias familiares” (MOTTA, 2009, p.75-76).

Na arte cemiterial e tumular podemos perceber as transformações ocorridas nos elementos simbólicos, no decorrer dos períodos artísticos, as transformações passadas pelas representações ao longo das épocas, desde a românica até a neoclássica.

Podemos encontrar espalhados pelo mundo vários cemitérios que abrigam em seus espaços um acervo artístico de singular beleza, que retratam a dinâmica social existente no período oitocentista. A seguir, exemplificaremos algumas necrópoles que são reconhecidas pela sua importância artística.

O cemitério de Varazdin, na Croácia, é um dos mais antigos do país e seu reconhecimento artístico deve-se ao fato do artista utilizar o verde da paisagem, em forma geométrica, dando “abordagem única aos espaços de sepultamento, que é cercado por horticultura e soluções como paredes verde e árvore linhas”<sup>3</sup> (Fig. 5).

---

<sup>3</sup> [cemiteriesroute.eu](http://cemiteriesroute.eu), p. 9



Figura 5: Cemitério Varazdin, Croácia.

O monumental Del Verano, na Itália, abriga várias obras de arquitetos e escultores italianos. O acervo é composto de monumentos comemorativos às vítimas da I Guerra Mundial e do nazismo durante a ocupação de Roma. Nos túmulos estão sepultadas celebridades, tanto nacionais como ligados à história da capital (Figs. 6 e 7).



Figura. 6: Vista do interior do cemitério Del Verano, Roma.

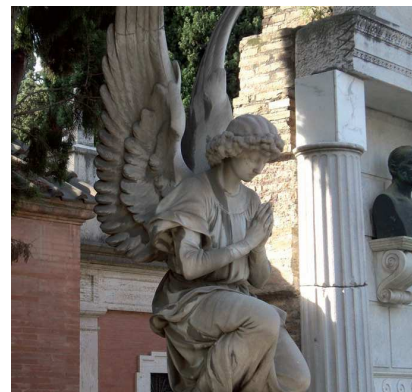


Figura. 7: Escultura antropomorfa de anjo, cemitério Del Verano, Roma

O cemitério Prado do Repouso, na cidade de Porto em Portugal, foi o primeiro público construído em 1839, o acervo é composto de “vários monumentos funerários

de valor histórico e artístico, destacam-se a capela do cemitério, os restos inacabados da igreja de São Vítor e o mausoléu de Francisco Almada”<sup>4</sup> (Fig. 8 e 9).



Figura. 8: Interior do cemitério Prado do Repouso, Porto, Portugal.



Figura. 9: Escultura funerária, cemitério Prado do Repouso, Porto, Portugal.

## 1.2. CEMITÉRIOS COMO MONUMENTO

O estatuto do ICOMOS no seu artigo 3 define o termo monumento como “todas as estruturas (juntamente com respectivos entorno e instalações e ornamentos pertinentes) de valor dos pontos de vista histórico, artístico, arquitectónico, científico ou etnológico” (PRIMO, 1999, p.15). Tomando como base esta definição analisaremos o espaço cemiterial enquanto monumento histórico e artístico portador de símbolos, o que implica entendê-lo como lugar de memória, porque “(...) só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (...) só entra na categoria se for objeto de um ritual” (NORA, 1993, p. 21).

Partindo desse pressuposto os monumentos funerários simbolizam e evocam a memória dos rituais funerários das diversas sociedades. São testemunhas da relação entre o homem e sua realidade, pois, comunicam simbolicamente as

<sup>4</sup>< <http://www.portoturismo.pt/visitar/paginas/descobrir/DetalhesPOI.aspx?POI=2294#.UXqJ-jdySwc>>

dinâmicas que ocorrem nas práticas funerárias. O monumento cemiterial, portanto, é portador de uma mensagem do pretérito que perdura como testemunho vivo das sociedades e deve ser entendido como patrimônio comum, o qual precisa ser preservado e transmitido para as gerações futuras.

O símbolo funerário tem a finalidade de manter o sepultado perpetuado na memória dos vivos, e como nos aponta Le Goff (1990) a memória coletiva é composta de dois materiais, a saber, os documentos e os monumentos. Estes seriam tudo o que evocasse o passado e os documentos o resultado da escolha do historiador, a prova histórica. Desde a Antiguidade os monumentos comunicam dois sentidos “uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura e um monumento funerário”.

As esculturas funerárias são documentos-monumentos. Ou seja, suportes de informação, que comunicam simbolicamente. Os documentos são instrumentos que transmitem conhecimento e os monumentos são documentos portadores de significados. Assim, podemos perceber como essas esculturas refletem a relação que se dá entre os homens e sua realidade no processo histórico, visto que “(...) os cemitérios são fontes que revelam o gosto artístico, a história e a ideologia religiosa da comunidade” (OLIVEIRA, 2009, p.11). Enquanto portadores de um discurso simbólico os monumentos transmitem a partir de seus elementos materiais, o imaterial que está intrínseco nos ritos funerários.

Dentro dos espaços cemiteriais os objetos funerários transmitem, de forma simbólica, os meios encontrados pelas sociedades para representar os sentimentos pelos seus mortos e assim não permitir que suas lembranças se percam na escuridão do esquecimento. Os monumentos tumulares “(...) são feitos para guardar, comemorar pessoas ilustres e, por sua função, são destinados a ganhar evidência dentro da categoria dos lugares especiais ou diferentes, ganhando o *status* de monumento” (CASTRO, 2008a, p.20).

Os monumentos históricos são citados em cartas patrimoniais, a exemplo de Atenas e Veneza, como integrantes do regime de proteção e valorização do patrimônio cultural. É relevante a existência de documentos que promovem ações de salvaguarda dos monumentos, visto que estes precisam de proteção para que não sejam destruídos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) mediante suas políticas de preservação, objetiva preservar os bens de valor histórico, cultural,



arquitetônico, ambiental e os de valoração afetiva para uma determinada comunidade. O tombamento pode ser dos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental. Para tanto se faz necessário que, qualquer pessoa física ou instituição pública, envie ao IPHAN um pedido de abertura de processo. A partir daí será feita uma avaliação técnica e, caso favorável, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural delibera a ação de tombamento, publicando no Diário Oficial da União. Por fim é feito o registro no Livro de Tombo e comunicado, formalmente, aos responsáveis o tombamento do patrimônio.

Listamos, a seguir, 15 tombamentos referentes a cemitérios e parte de seu conjunto. A imagem da Fé, por exemplo, que faz parte do acervo do Campo Santo, Salvador, foi tombada individualmente (Figs.10 e 11).

- Igreja de São Francisco da Penitência, Cemitério e Museu de Arte Sacra, localizada no Rio de Janeiro, foi tombada em 1938, está registrada no Livro Histórico e Belas Artes.
- Cemitério do Batalhão, localizado no Piauí, foi tombado em 1938 e registrado no Livro Histórico e Livro Belas Artes.
- Inscrições tumulares da Igreja da Vitória, localizada em Salvador, foi tombada em 1938 e registrada no Livro de Belas Artes.
- Capela de São Pedro e Cemitério de Maruí, localizada em Niterói, Rio de Janeiro, foram tombados em 1948 e registrados no Livro Histórico e Belas Artes.
- Convento e Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> dos Anjos, Cruzeiro, Capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, localizados em Cabo Frio, Rio de Janeiro, foram tombados em 1955 e registrados no Livro de Belas Artes.
- Lápide tumular de Estácio de Sá, localizada no Rio de Janeiro, foi tombada em 1950 e registrada no Livro Histórico.
- Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, localizado no Pará, foi tombado em 1964, está inscrito nos Livros Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.
- Túmulo do Dr. Pedro Lund e seus colaboradores, localizado em Lagoa Santa, Minas Gerais, foi tombado em 1960 e registrado no Livro Histórico.
- Portão do Cemitério de Arez, localizado em Arez, Rio Grande do Norte, foi tombado em 1962 e registrado no Livro Histórico.

- Cemitério do Imigrante, localizado em Joinville, foi tombado em 1962 e registrado nos Livros Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.
- Estátua do Mausoléu da família do Barão de Cajaíba, imagem da Fé, localizada no Cemitério do Campo Santo, Salvador, foi tombada em 1966 e registrada no Livro de Belas Artes.
- Porto Seguro conjunto arquitetônico e paisagístico, localizado em Porto Seguro, Bahia, foi tombado em 1974 e registrado nos Livros Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.
- Cemitério de Santa Isabel, localizado em Mucugê, foi tombado em 1980 no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (Figs. 12 e 13).
- Cemitério da Candelária, localizado em Porto Velho, Rondônia, foi tombado em 2000.
- Lugar de sepultamento do Guia Lopes, o Cel. Camisão e o Ten. Cel. Juvêncio, localizado em Jardim, Mato Grosso do Sul, foi tombado em 2000.



Figura 10: Vista frontal da alegoria da Fé, Campo Santo, Salvador. Foto: Isaac Tito, 2011.



Figura 11: Vista de fundo da alegoria da Fé, Campo Santo, Salvador. Foto: Isaac Tito, 2011.

No recinto funerário de Mucugê “O arranjo paisagístico integra os mausoléus, como forma, à rocha em decomposição, concorrendo para tal os elementos arquitetônicos empregados” (CASTRO, idem, p. 68)



Figura 12: Vista geral do cemitério de Mucugê, Bahia. Foto: F. Comerlato, 2006.



Figura 13: Vista interior do cemitério de Mucugê, Bahia. Foto: F. Comerlato, 2006.

### 1.3. CEMITÉRIOS COMO MUSEU

A instituição museológica é o lugar voltado para a comunicação do patrimônio cultural preservado. É, pois, o ambiente onde se processa a relação do homem com o objeto institucionalizado. O objeto exposto não tem valor por si só, mas pela relação que se dá entre ele, a instituição museal e o visitante. É, pois:

(...) a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, ou seja, o museu (GUARNIERI, 1990).

As invocações cristológicas, as alegorias e as invocações angélicas que encontramos nas necrópoles de Cachoeira não teriam valor se não representassem as atitudes do homem diante da morte, se não traduzisse as formas de enterramento e representação da sociedade cachoeirana. Seriam apenas meros objetos colocados em cima das sepulturas, que não seriam pesquisados, preservados e nem comunicados. Os túmulos, portanto, representam e materializam a relação do homem com a morte.

Enquanto instituição museológica o cemitério propicia essa simbiose entre o Objeto, documento portador de informação, e o visitante dentro do espaço cemiterial. A exposição das esculturas funerárias dentro desses locais de memória promove o estudo das relações entre a sociedade e seu patrimônio. Nesse aspecto, cabe ressaltar que é por meio da exposição que o Homem entra em contato com o objeto portador de significados e produtor de conhecimento. Por realizar atividades

de investigação, preservação e comunicação, as instituições museológicas são espaços de conhecimento, visto que utilizam os objetos como suporte de informação.

Marília Xavier Cury, quando reflete sobre a relação que se dá entre o homem e o objeto numa exposição, nos diz que “(...) é na exposição que se potencializa a relação profunda entre o Homem e o Objeto no cenário institucionalizado”. (CURY, 2005, p. 34). Essa relação é percebida na exposição das alegorias e artes sacras das necrópoles de Cachoeira “(...) onde do chão brotam imagens recheadas de significados, visitadas não apenas pela comoção, mas pelo belo, pelo histórico, pelo memorável” (TIMPANARO, 2006, p.18), e nos faz entender que a dinâmica dessas práticas perpassa não somente pela esfera do sentimento do homem diante da perda, mas também pela pesquisa que pode ser gerada, quando se lança um olhar mais atento para esse monumento.

Os espaços cemiteriais de Cachoeira, enquanto instituições museológicas, são destinados à guarda e à exposição de obras de valor artístico, histórico e arquitetônico, portanto realizam três ações de caráter museológico. A primeira consiste na pesquisa, que é realizada em seus arquivos quando se buscam informações acerca dos objetos expostos em seus espaços. A segunda baseia-se na preservação e acontece quando são promovidas ações preservacionistas que salvaguardam estes bens. A terceira ação é a comunicação, ou seja, a exposição das representações escultóricas que expressam de forma simbólica as práticas funerárias do seu povo.

Os cemitérios nos fazem pensar sobre as manifestações e práticas culturais da sociedade que organiza e dá sentido a esses recintos. Eles são repletos de significados e são fontes para o estudo de fatos históricos, políticos, sociais, culturais e religiosos.

É preciso desmistificar do imaginário popular a concepção de que os cemitérios são lugares negativos e auxiliar as pessoas a perceberem nesses recintos “(...) um local para admirar obras de arte, conhecer a história, descobrir curiosidades e por que não, contemplar a beleza de jardins, ruas, alamedas e os mais diferentes jazigos por puro lazer.” (OSMAN e RIBEIRO, 2007).

Os cemitérios, reconhecidos como museus a céu aberto, são visitados por terem obras de artes expostas em seus interiores e abrigarem a memória de pessoas ilustres. Neste sentido, listamos alguns espaços funerários que recebem

um grande número de visitantes que apreciam a beleza arquitetônica, a arte tumular e reverenciam as personalidades históricas sepultadas nestes locais.

O cemitério La Recoleta é visitado por pessoas que querem conhecer os túmulos da elite argentina, sendo o mais famoso o de Eva Peron. É um espaço que recebe visitantes de toda parte do mundo que para lá se dirigem para poderem desfrutar de momentos de lazer em seu interior e apreciar belas obras de arte (Fig. 14).



Figura14: Fachada do Cemitério La Recoleta e túmulo de Evita Peron, Argentina.

O Père Lachaise apresenta grandes obras artísticas, assinadas pelos mais renomados artistas internacionais. A arquitetura, a arte cemiterial e tumular refletem as tendências da arte do século XIX e XX. Possui vários memoriais referentes à história da França. O programa de visitação consiste em visitas guiadas temáticas sobre a biodiversidade que há no espaço cemiterial (Fig.15).



Figura 15: Cemitério Père Lachaise, França.

O cemitério da Consolação, em São Paulo, repleto de personalidades que fazem parte da história local e do país, é um espaço que abriga em seu interior sepulturas com obras de arte de artistas consagrados, a exemplo de Victor Brecheret. As visitas são guiadas e não há placas que identifiquem a localização das sepulturas (Fig. 16).



Figura 16: Pietá em bronze. Cemitério da Consolação, São Paulo. Foto: Arquivo do Jornal Folha

O cemitério dos Imigrantes, em Joinville, Santa Catarina, abriga em seus espaços a memória dos imigrantes que fazem parte da história da cidade. O espaço está localizado em uma encosta e seu interior lembra um jardim. Suas sepulturas não possuem esculturas antropomorfas, influenciadas pela religiosidade protestante.

Dentro do cemitério dos Imigrantes está localizada a Casa da Memória, na qual se pode obter informações e realizar pesquisas sobre a história local, visto que a mesma possui um centro de documentação.



Figura17: Casa de memória, cemitério dos Imigrantes, Joinville, SC.



Figura 18: Vista geral das sepulturas, cemitério dos Imigrantes, Joinville, SC.

O Campo Santo, em Salvador, localizado no bairro da Federação, é administrado pela Santa Casa de Misericórdia e nele estão enterradas várias personalidades do Estado da Bahia. O circuito cultural do Campo Santo começa com um mapa indicativo do circuito, orientando o visitante qual o caminho a ser percorrido. Os visitantes podem vislumbrar um acervo composto de belas estatuárias e ornamentos, produzidos por artistas famosos, além de tumbas e mausoléus, símbolos de aspectos históricos e artísticos das personalidades neles inumados (Figs. 19 e 20).



Figura 19: Mausoléu. Campo Santo, Salvador. Foto: Isaac Tito, 2011.

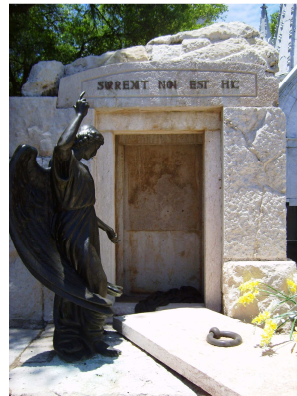


Figura 20: Arte tumular. Campo Santo, Salvador. Foto: Isaac Tito, 2011.

Esses recintos funerários atraem visitantes de toda parte interessados, não somente em cultuar seus mortos, mas principalmente, em conhecer os túmulos de personalidades, apreciarem obras de arte, ou tão simplesmente desfrutar de momentos tranquilos.

## CAPÍTULO 2

### HISTÓRICO DOS CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA

Os cemitérios são integrantes do patrimônio artístico e cultural de uma cidade, abrigam em seus espaços testemunhos de um passado carregado de simbologias. O recinto funerário é local de memória que testemunha as práticas funerárias de uma determinada sociedade e precisa ser “lembrado ou destacado como um referencial para se refletir acerca da história e da memória local, como partícipe de um conjunto de práticas culturais” (CASTRO, 2008b, p 17).

Cachoeira é uma cidade tombada como Monumento Nacional, “pelo Decreto nº 68.045 de 13 de janeiro de 1972” (COMERLATO, SANTOS, BULCÃO e GOMES, 2013, p. 78) e possui, em seu cenário paisagístico e cultural, quatro cemitérios datados da segunda metade do século XIX: o cemitério dos Nagôs (1864), dos Alemães (1881), da Piedade (1890) e da Venerável Ordem Terceira do Carmo (1892), mas esta pesquisa analisará apenas três, por abrigar os mesmos as nove representações escultóricas que serão abordadas neste capítulo. Abaixo, a lista das siglas que foram usadas para identificação dos recintos funerários:

<b>Tabela 1 - Siglas utilizadas para identificação dos cemitérios</b>	
<b>Cemitério dos Nagôs</b>	<b>CA.CN</b>
<b>Cemitério de Nossa Senhora da Piedade</b>	<b>CA.CP</b>
<b>Cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo</b>	<b>CA.CC</b>

Os cemitérios da Venerável Ordem Terceira do Carmo, dos Nagôs e da Piedade, mesmo sendo este o cemitério municipal, são administrados por instituições católicas. Estes espaços contêm em seus interiores os túmulos que representam e materializam a relação do homem com a morte, as sepulturas ornamentadas com exemplares de alegorias, anjos e imagens sacras, comunicam, por meio desses símbolos, as formas que as pessoas encontraram para lembrarem seus mortos e expressarem suas convicções religiosas.



Em termos de configuração espacial os cemitérios do Carmo e Piedade compartilham um traçado bastante comum aos cemitérios oitocentistas como descreve Antonio Motta:

(...) o esquema predominante é o traçado dividido em quadras regulares, entrecortadas por grandes alamedas e pequenas ruas, geralmente centrado por um cruzeiro ou capela de onde parte o eixo monumental ou central. Nesse eixo ou no seu entorno situam-se os mausoléus mais antigos e também os ossuários, em forma de urnas ou de obeliscos, transportados das igrejas para os novos locais de enterramento secularizados (MOTTA, 2010, p. 213)

A localização geográfica é um aspecto relevante, visto que os cemitérios se localizam em áreas periférica, situados em colinas pouco habitadas e em bairros populares.

Cada necrópole da cidade de Cachoeira tem sua particularidade e representa as formas de enterramento e a dinâmica social simbolizada em cada túmulo. Cabe salientar que os espaços se diferem no que concerne ao atual estado de uso. Enquanto o espaço funerário da Piedade está em constante atividade, visto que funciona como o cemitério municipal, os outros estão fechados por falta de manutenção.

## **2.1. Cemitério dos Nagôs**

O cemitério dos Nagôs é a necrópole mais antiga da cidade está situado no alto do Rosarinho, na lateral da Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Sagrado Coração de Maria do Monte Formoso (Igreja do Rosarinho), foi fundado em 1864 e destinado para sepultura dos irmãos. Pertencente à irmandade do SS. Coração de Maria, o espaço apresenta um setor com sepulturas de africanos, sendo, pois, um espaço de particular singularidade.

As imagens a seguir apresentam a entrada e o interior do recinto funerário:



Figura 21: Vista panorâmica do cemitério dos Nagôs. Foto: Arquivo pessoal.



Figura 22: Fachada do cemitério dos Nagôs. Foto: Aline Gomes, 2012.

O espaço é murado, com portão de duas folhas, tendo em seu interior um conjunto de carneiras. No patamar inferior encontra-se uma alegoria da Fé que será analisada iconograficamente no terceiro capítulo.

O recinto funerário dos Nagôs passou por uma intervenção de restauro em 2006, mas atualmente está desativado. O local está em total estado de abandono, com ervas daninhas crescendo em todas as sepulturas comprometendo, assim a estrutura das mesmas. O espaço foi restaurado, mas não é aberto à visitação. A pesquisa, por exemplo, foi realizada com muita dificuldade, devido à falta de disponibilidade de pessoas para abrir o cemitério e assim permitir o nosso acesso ao recinto. Acreditamos que se o espaço for musealizado, como discutiremos mais adiante, se possa realizar um melhor aproveitamento do potencial turístico do cemitério.

## 2.2. Cemitério da Ordem Terceira do Carmo

A Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira foi instituída no ano de 1891<sup>5</sup>. Assim como as irmandades, as Ordens Terceiras eram instituições que tinham a função de dar assistência aos irmãos e existiam para suprir as necessidades e reivindicações de seus afiliados que buscavam nessas instituições uma estrutura legal que desse respaldo às suas necessidades, principalmente, na hora da morte, pois “em tais Ordens, quase sempre andaram juntos os benefícios

<sup>5</sup> Livro de termos do Arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo, iniciado em 1914.

temporais e os espirituais” (CALDERÓN, 1976, p.36). Os benefícios temporais consistiam em dar assistência econômica em caso de necessidade ou na hora da morte e os espirituais se referiam a celebração de missas em sufrágio da alma do fiel defunto.

O cemitério da Ordem Terceira do Carmo está localizado no alto do Rosarinho, próximo ao cemitério dos Nagôs, visto que “O critério de construção de cemitérios era que fosse em local elevado para não comprometer o lençol freático” (SANTANA, 2012, p.40). O recinto funerário dos irmãos terceiros teve sua pedra fundamental lançada a 31 de janeiro de 1892<sup>6</sup>. Sua construção destinava-se para o sepultamento dos irmãos terceiros e seus familiares.

A necrópole murada é composta de uma capela, túmulos, alegorias, cruzes e símbolos decorativos. A entrada da mesma é composta de portão em arco pleno, com acesso central em alvenaria com revestimento hidráulico que se encontra com a escadaria que conduz à entrada da capela. As alegorias que serão analisadas, neste espaço fúnebre, são as alegorias da Esperança e da Pranteadora, as quais ornamentam os túmulos de irmãos terceiros que ali foram sepultados.

A seguir podemos visualizar, numa vista panorâmica da década de quarenta, o cemitério e a capela, e a fachada, em uma fotografia mais atual:



Figura 23: Vista panorâmica do cemitério do Carmo. Foto: Pinheiro, 1942. Arquivo Central do IPHAN.



Figura 24: Fachada do cemitério do Carmo. Foto: Aline Gomes, 2012.

Atualmente, o cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo encontra-se em reforma pelo Programa Monumenta.

<sup>6</sup> Arquivo Municipal de São Félix. Jornal A Pátria. Ano II. Número 6. Quinta, 22 de janeiro de 1892.

### 2.3. Cemitério da Piedade

As Santas Casas de Misericórdia são instituições sem fins lucrativos que prestam serviços aos mais pobres e têm afixados em seus estatutos as quatorze obras de misericórdia, divididas em espirituais e corporais. Sendo que uma das sete obras corporais é sepultar os mortos.

Neste sentido a Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, em sessão do dia 25 de março de 1866, aprovou a construção de um recinto funerário. O terreno para a construção do cemitério foi cedido pelo tenente-coronel Juviano José da Silva Almeida para que se construísse no lugar do antigo cemitério, um novo. Com a morte do tenente-coronel verificou-se pertencer o terreno a outra pessoa, o Sr. Rufo da Conceição Pitta Lima, que reclamava a posse do mesmo.

A obra era de suma importância para a Santa Casa de Misericórdia e para a cidade de Cachoeira, pois o cemitério serviria, além de local para inumação dos cadáveres, de verba de receita para o hospital. A Mesa designou então o irmão provedor de acordar com Rufo Lima a concessão do terreno. Em sessão do dia 8 de abril de 1866, o irmão provedor informou que havia se entendido com Rufo Lima e com D. Augusta Miquelina Bastos d'Almeida, viúva do tenente-coronel e proprietária das benfeitorias feitas no lugar. O terreno foi comprado pela quantia de 300 réis, e ganhando de D. Augusta as benfeitorias, a Santa Casa passa a ter a posse do terreno.

A partir daí, o Provedor da Santa Casa foi à Capital providenciar a licença civil e eclesiástica para edificação do cemitério. Após várias viagens e encaminhamentos para dar andamento ao projeto, a inauguração e assentamento da primeira pedra do cemitério ocorreram às cinco horas da tarde do dia 16 de fevereiro de 1868<sup>7</sup>.

No dia 24 de abril do ano de 1878, a Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, reunida em sessão, aprovou o regulamento interno do espaço funerário sob a sua administração. A seguir um trecho transcrito do primeiro capítulo do regulamento:

---

<sup>7</sup> Ata da seção da Mesa Administrativa. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

Artigo 1º O cemitério sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, edificado na cidade de Cachoeira, Estado Federado da Bahia, é um proprio pertencente a Santa Caza de Misericordia da dita cidade, o qual é mantido e derigido pela mesma instituição pia, guardando e respeitando ellas as leis hygienicas e constitucionais da Republica (LIVRO nº 53).

O regulamento interno pontua todas as medidas, que deverão ser tomadas pelo irmão responsável pelo cemitério, o mordomo, e demais membros da mesa, para as devidas providências referentes à inumação dos cadáveres.

Localizado “em área murada, com topografia plana e baixa na zona urbana de Cachoeira” (COMERLATO, 2010) o cemitério da Piedade tem um portão de acesso de duas folhas em arco pleno, datado de 1874. No seu interior um caminho dá acesso à Capela sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade. O recinto é ladeado por carneiras, divididas em duas alas, pertencentes às irmandades (Martírios, Paciência, Santíssimo Sacramento, São Benedito, Conceição do Monte, Nossa Senhora d’Ajuda e Remédios) as quais, em sua maioria, estão extintas. Nesta mesma ala encontramos os túmulos mais suntuosos, ornados com alegorias e invocações cristológicas e angélicas. Ao final do espaço encontram-se as covas simples, onde são sepultados os menos afortunados e as pessoas praticantes do candomblé.

A seguir a imagem da entrada do espaço funerário da Santa Casa de Misericórdia:



Figura 25: Fachada do cemitério da Piedade.  
Foto: VALLADARES, 1972, p.117.



Figura 26: Fachada atual do cemitério da Piedade.  
Foto: Aline Gomes, 2012.

Neste “(...) cemitério limpo, de chão e de caiação, retangular, cercado de fachadas contíguas dos mausoléus de irmandades diferenciadas pelos frontões emblemáticos” (VALLADARES, 1972, p. 1.260) serão analisadas seis esculturas funerárias: uma alegoria, duas invocações cristológicas e três invocações angélicas.

## CAPÍTULO 3

### AS REPRESENTAÇÕES ESCULTÓRICAS NA PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

A Museologia é a área do conhecimento que estuda a relação da sociedade com o seu patrimônio, visando sua preservação e comunicação, é “(...) uma das áreas de conhecimento que se ocupa das formas de enquadramento dos bens patrimoniais e seus profissionais são agentes da educação da memória”. (BRUNO, 2004, p. 1).

O presente trabalho, neste terceiro capítulo, se pautará na relação das esculturas com a comunicação museológica. Para tanto se faz necessário explicar que comunicação museológica é diferente de comunicação em museus, é preciso, pois, entender a distinção entre os dois termos. Enquanto o primeiro se refere à subárea do conhecimento da Museologia o outro compreende as ações expositivas dentro do museu. São termos que estão ligados “mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus, além de construir conhecimento teórico” (CURY, 2010, p. 270).

Comunicar é uma necessidade de todos os homens que vivem em sociedade e implica em um suporte ou veículo de transmissão da mensagem. No museu a comunicação constitui uma das funções básicas e materializa-se, geralmente, numa exposição.

Nos recintos funerários a comunicação é feita de forma simbólica através da representação de imagens que personificam os sentimentos das pessoas que para lá se dirigem e prestam cultos aos seus mortos. Como nos indica Antonio Motta, os cemitérios constituem-se em lugares de afirmação de uma posse simbólica de determinados segmentos burgueses na sociedade brasileira (2010, p. 209).

#### **3.1. METODOLOGIA DE REGISTRO DAS REPRESENTAÇÕES ESCULTÓRICAS TUMULARES**

A metodologia da pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada mediante procedimentos práticos e teóricos do estudo iconográfico das

representações escultóricas dentro dos espaços cemiteriais, a fim de obter dados relevantes para analisar o tema em questão.

Os procedimentos teóricos consistiram, no primeiro momento, do levantamento bibliográfico acerca do tema e fichamento dos textos e depois o levantamento das fontes primárias nos arquivos locais.

Na etapa prática a realização do trabalho de campo consistiu no levantamento de dados dos cemitérios, a partir da documentação encontrada, das características extrínsecas acerca das sepulturas, tomada fotográfica para registro das mesmas, observação do material construtivo e identificação dos sepultados, dentre outras informações. Elaboramos uma ficha tomando como base a que estava sendo usada no projeto<sup>8</sup>, a qual foi uma adaptação da ficha da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais - ABEC, para o levantamento de informações presente nos túmulos, que serviram de base para a análise iconográfica da arte tumular.

O critério de registro para a aplicação da ficha e levantamento fotográfico pautou-se a partir da observação de quantas e quais tipologias escultóricas estavam dispostas no espaço. Para a documentação foram utilizadas as siglas da ficha do projeto.

Os trabalhos de campo consistiram de registro fotográfico, aplicação da ficha de identificação de sepultura e coleta de informações orais.

O registro fotográfico foi realizado a partir de várias tomadas em quatro ângulos: frontal, laterais e de fundo. Foram utilizadas, também, algumas fotografias do arquivo do Laboratório de Documentação e Arqueologia - LADA. As fotografias subsidiaram o estudo iconográfico das esculturas a partir dos elementos constitutivos da mesma.

Partindo da observação das sepulturas e baseando-se na ficha utilizada no projeto, conseguimos elaborar a ficha que constou no apêndice com as informações coletadas a partir dos elementos constitutivos da sepultura. A seguir, descreveremos cada campo especificamente.

O cabeçalho é composto do número de identificação da ficha e sigla alfabética ou alfa-numérica, a qual sintetiza e identifica o município, o nome do sítio e a numeração da sepultura (ex: CA.CC.01, que significa sepultura 1 no Cemitério do Carmo em Cachoeira).

---

<sup>8</sup> COMERLATO, Fabiana. **Os cemitérios de Cachoeira e São Félix: identificação, análise e preservação.**



O primeiro campo consiste na identificação do(s) sepultado(s), contém o nome, podendo ser de mais de um indivíduo, a presença ou não de lápide na sepultura e o número de sepultados identificados.

O segundo campo é composto da orientação, ou seja, é a direção que a sepultura está orientada, conforme o sentido da face do painel, verificada através de bússola.

O terceiro campo refere-se à tipologia das sepulturas encontradas, as quais podem ser individual, coletiva, ou mausoléu.

O quarto campo diz respeito à composição da sepultura, os elementos que compõem a mesma, cabeceira, lápide, gradil, oratório e ornamento. Na cabeceira estão os dados do morto, epitáfio e ornamentos. Na lápide está a inscrição, podendo ser vertical, geralmente junto à cabeceira, ou horizontal. O gradil é uma grade que circunda a sepultura. O oratório é o nicho onde ficam imagens de santos. E o ornamento é todo objeto que orna a sepultura.

O quinto campo refere-se aos materiais construtivos da sepultura: cimento, pedra ornamental, alvenaria, vidro, metal e outros. O sexto campo é composto da descrição de sepultura, de todos os dados referentes à sepultura.

No sétimo campo estão os dados referentes aos ornamentos, ou seja, ao conjunto de objetos que ornem as sepulturas. Eles podem ser: alegoria, anjo, imagem sacra e profana, fotografia, símbolo decorativo, pináculo, pilastra, obelisco, gradil, portão, puxador, cruz, oratório, vaso e epitáfio. O oitavo campo é composto da tipologia do ornamento, que pode ser: signos antropomorfos (formas humanas), signos zoomorfos (formas de animais), signos fitomorfos (formas de vegetais) e signos geométricos (formas geométricas). Encontra-se no nono campo as informações sobre a dimensão do ornamento, sua altura e seu comprimento.

O décimo primeiro campo refere-se aos dados construtivos da escultura, o material que foi empregado para a construção da mesma. A técnica utilizada para a confecção da escultura. O autor que realizou a obra e, por fim, a oficina que foi realizado o trabalho de confecção.

O décimo segundo campo refere-se aos estilos artísticos que influenciaram a construção de cada escultura: o neoclássico, o neogótico, o art decó, o art nouveau, o eclético, o vernacular, o modernista e outro que possa ter influenciado o artista.

O décimo terceiro campo descreve o estado de conservação da escultura, que pode ser bom, regular ou ruim. A descrição da escultura está logo depois, no

décimo quarto campo. São relatados os elementos gerais que compõem a mesma. E no décimo quinto campo encontram-se as informações orais relativas ao sepultado ou a constituição da sepultura.

O décimo sexto campo identifica as fontes históricas, as quais podem ser manuscritas (os livros de óbitos), iconográfica (a iconografia da própria escultura) e oral (informações coletadas oralmente).

O décimo sétimo campo refere-se aos dados da pesquisa, o pesquisador que coletou os dados e a data que foi coletada todas as informações acerca da sepultura. Por fim no décimo oitavo campo serão inseridas todas as atualizações.

Assim, para o preenchimento da ficha foi elaborado um nomenclator, no qual estão colocadas todas as definições escolhidas, selecionadas e elaboradas para a construção da documentação.

De posse das informações extrínsecas a respeito da sepultura partimos para a interpretação, utilizando o método apontado por Panofsky, das representações escultóricas.

### **3.2. INTERPRETAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ESCULTÓRICAS**

Interpretar significa esclarecer o sentido de alguma coisa. Para realizar a interpretação das representações escultóricas fez-se necessário, primeiramente, o reconhecimento das imagens dispostas nos espaços funerários. A partir do reconhecimento das estatuárias aplicamos o método de Erwin Panofsky para descrever iconograficamente cada uma das esculturas.

Para Panofsky a iconografia é o ramo da história da arte que subentende a descrição e qualificação da imagem, assim como o significado das obras, ou seja, a explicação da imagem, das figuras alegóricas e de seus atributos. O autor coloca que um estudo iconográfico correto implica na exata identificação das imagens.

As nove representações identificadas nos cemitérios referem-se a quatro alegorias cristãs (Fé, Esperança, duas Pranteadoras), duas invocações cristológicas (Sagrado Coração de Jesus e Bom Pastor) e três invocações angélicas.

O método iconográfico aplicado por Panofsky se divide em três níveis de análise. O primeiro nível da percepção de uma imagem é o primário ou natural, que se subdivide em factual ou expressional. Este primeiro momento tem como principal função identificar as formas puras das imagens portadoras de significados, portanto,

o mundo dos motivos. Estabelecendo-o, assim, em uma descrição pré-iconográfica de uma obra de arte.

O segundo nível aponta para os temas secundários ou convencionais. É o momento de ligar as imagens, estórias e alegorias aos assuntos e conceitos. Trata-se, pois, da análise iconográfica.

No terceiro e último nível intitulado de iconologia, trata-se do significado intrínseco ou conteúdo da imagem, é a interpretação dos valores simbólicos. Portanto, é através do estudo iconográfico seguido da interpretação iconológica que se pode descrever os elementos constituintes do significado intrínseco de uma imagem para revelá-los claramente.

Examinamos que essa proposta de Panofsky é adequada para o estudo da função simbólica das representações escultóricas dos espaços cemiteriais de Cachoeira. Sendo assim descrevemos, a seguir, cada uma das alegorias, invocações cristológicas e angélicas que compõem o acervo dos referidos recintos:

#### CA.CN 01



Figura 27: Vista geral da sepultura. Foto: Arquivo do LADA.



Figura 28: Vista lateral da alegoria da Fé. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 29: Vista de fundo da alegoria da Fé. Foto: Aline Gomes. Arquivo: LADA/CAHL/UFRB. Figura 30: Detalhe da alegoria da Fé. Foto: Arquivo do LADA.

Escultura feminina com a cabeça inclinada para a esquerda e ornada com cabelos longos, levemente presos, caindo nas costas. O queixo está apoiado na cruz. A mão direita segura um cálice com uma hóstia e a mão esquerda apóia-se numa cruz. O vestido tem mangas e cintura ornada com um cinto. A saia com caimento drapejado vai até os pés. A perna direita está flexionada e a esquerda reta. Os pés estão calçados com sandálias.

Esta representação iconográfica refere-se à alegoria da Fé. Trata-se da representação de uma das virtudes teologais na qual é retrata uma mulher segurando em sua mão um cálice com hóstia.

## CA.CC 02



Figura 31: Vista geral da sepultura da alegoria da Esperança. Foto: Arquivo do LADA



Figura 32: Vista lateral direita da alegoria da Esperança. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 33: Vista de fundo da alegoria da Esperança.  
Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 34: Vista lateral esquerda da alegoria da Esperança. Foto: Aline Gomes, 2012.

Escultura feminina alada, trajando vestido longo com caimento até os pés. A cabeça é ornada com cabelos longos em cachos. Traz no rosto um olhar dirigido para frente e os braços cruzados à frente do corpo. A mão esquerda segura a corrente de uma âncora que está encostada ao corpo. Tem os dedos dos pés expostos.

Esta representação iconográfica trata-se da alegoria da Esperança, a qual tem como atributo a âncora, significando que a esperança dos cristãos deve ser conservada como âncora sólida e firme, como atesta São Paulo em sua Epístola aos Hebreus no capítulo 6, versículo 19 (Bíblia Sagrada, 2005).

### CA.CC 03



Figura 35: Vista frontal da alegoria da Pranteadora orante.  
Foto: Aline Gomes, 2012.

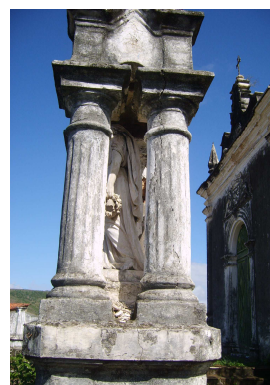


Figura 36: Vista lateral direita da alegoria da Pranteadora orante. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 37: Vista de fundo da alegoria da Pranteadora orante. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 38: Vista lateral esquerda da alegoria da Pranteadora orante. Foto: Aline Gomes, 2012.

Escultura feminina trajando túnica comprida até os pés. A cabeça está coberta com manto que se estende até a altura do quadril. O rosto inclinado para a direita sustenta o mesmo com a mão, a qual está apoiada sobre metade de uma coluna encoberta quase totalmente pelo manto. A mão esquerda segura uma guirlanda de flores. Tem os dedos do pé esquerdo expostos.

A representação iconográfica refere-se à alegoria da Pranteadora orante. Estas representações de mulheres simbolizam “o sentido do amor universal diante da desventura da morte” as quais “(...) convertem-se em guardiãs perenes dos túmulos sempre numa demonstração de carinho à memória do falecido” (BORGES, 2011). A guirlanda que traz na mão simboliza a coroa da vida eterna.

#### CA.CP 04

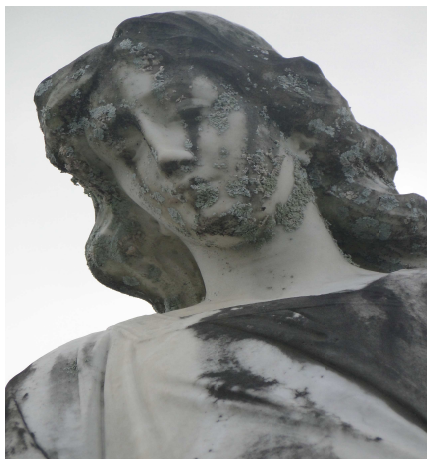


Figura 39: Detalhe da alegoria da Pranteadora. Foto: Arquivo do LADA



Figura 40: Vista de fundo da alegoria da Pranteadora. Foto: Arquivo do LADA



Figura 41: Vista lateral esquerda da alegoria da Pranteadora. Foto: Arquivo do LADA



Figura 42: Vista frontal da alegoria da Pranteadora. Foto: Arquivo do LADA

Escultura feminina trajando um vestido simples com caimento reto. A cabeça, inclinada para a direita, tem os cabelos partidos ao meio e levemente presos. As mãos estão separadas com a esquerda encostada ao corpo, segura uma palma e a direita, elevada trazia um rosário, segundo a tradição oral. Os pés estão encobertos pelo vestido.

A representação iconográfica refere-se à alegoria da Pranteadora. Estas representações de mulheres simbolizam “o sentido do amor universal diante da desventura da morte” as quais “(...) convertem-se em guardiãs perenes dos túmulos sempre numa demonstração de carinho à memória do falecido” (BORGES, 2011). A folha de palma que traz na mão é um símbolo cristão que representa a vitória sobre a morte.

## CA.CP 05



Figura 43: Vista geral da sepultura. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 44: Vista parcial da invocação cristológica, Bom Pastor. Foto: Arquivo do LADA.



Figura 45: Vista de fundo da invocação cristológica, Bom Pastor. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 46: Vista frontal da invocação cristológica, Bom Pastor. Foto: Arquivo do LADA

Escultura masculina trajando túnica e manto. A cabeça está projetada para baixo, com cabelos longos, partidos ao meio, soltos até a altura dos ombros. O rosto traz barba crescida e o olhar dirigido para baixo. A mão direita, fechada, segura um cajado e a esquerda entreaberta encostada ao mármore. A perna esquerda está reta, enquanto a direita está flexionada com os pés calçados com sandálias.

A representação iconográfica refere-se à imagem de Cristo Bom Pastor. “As estátuas de Cristo seguem o padrão da arte neoclássica” (BELLOMO, 2008). A imagem informa que, assim como Cristo, nós também ressuscitaremos. “Ressuscitou o Bom Pastor que deu a vida por suas ovelhas e quis morrer pelo rebanho, nos aponta o Evangelho de João capítulo 10, versículo 14.” O Bom Pastor é o cuidador e guardião dos justos.

## CA.CP 06



Figura 47: Vista frontal da invocação cristológica, Coração de Jesus. Foto: Arq. do LADA.



Figura 48: Vista lateral esquerda da invocação cristológica, Coração de Jesus. Foto: Aline Gomes, 2012.





Figura 49: Vista de fundo da Arte sacra, Coração de Jesus. Foto: Aline Gomes



Figura 50: Vista lateral direita da Arte sacra, Coração de Jesus. Foto: Aline Gomes

Escultura masculina trajando túnica longa que chega até os pés. A cabeça levemente inclinada para a direita é ornada com cabelo repartido ao meio que vai até a altura dos ombros. No rosto a barba está crescida e o olhar dirigido para baixo. O ombro esquerdo é ornado com um manto drapejado que chega aos tornozelos. No centro do tórax está um coração flamejante. As mãos abertas mostram as palmas para cima. A perna esquerda está reta e a direita flexionada com os pés descalços expostos.

A representação iconográfica refere-se à imagem do Sagrado Coração de Jesus. O qual, ressuscitado, mostra o seu coração e convida que todos venham até ele. O seu coração é representado com os sinais de sua paixão e morte. Em volta do qual se encontram cinco elementos simbólicos: a ferida aberta, os espinhos, a cruz, as chamas e as gotas de sangue e água que brotam da ferida.

A ferida aberta é uma referência bíblica primordial no culto ao Sagrado Coração de Jesus: “contemplarão aquele que transpassam!” (Jo 19,37). Os espinhos em volta do Coração de Jesus Cristo representam os pecados: nossos e de toda a humanidade. A cruz representa a obediência de Jesus à vontade do Pai, “[...] tornando-se obediente até á morte, e morte de cruz!” (Fl 2,8). Assim como o amor de Jesus por nós, até as últimas conseqüências: “Não há maior amor que dar a vida” (Jo 15,13). As chamas é o fogo de pentecostes, que transformou e continua transformando pobres seres humanos em ardorosos missionários e evangelizadores. É o fogo do Espírito Santo que continua impulsionado a Igreja de Jesus Cristo. As gotas de água e sangue simbolizam que é do Coração

transpassado de Jesus na cruz, por meio da água do batismo e do Espírito e por meio do sangue da Eucaristia, que nasce a nova humanidade: a Igreja.

## CA.CP 07



Figura 51: Vista geral da sepultura. Foto: Arquivo do LADA.

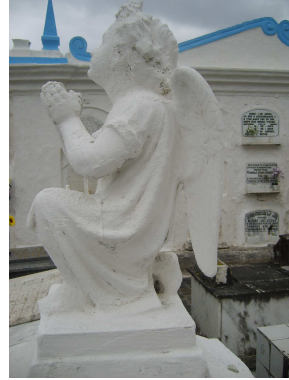


Figura 52: Vista lateral direita do anjo querubim orante. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 53: Vista lateral esquerda do anjo querubim orante. Foto: Aline Gomes, 2012.

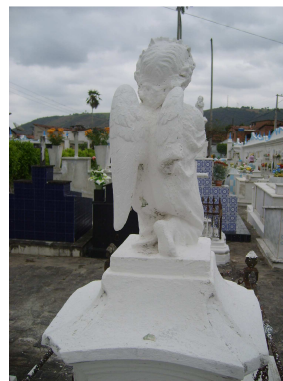


Figura 54: Vista de fundo do anjo querubim orante. Foto: Aline Gomes, 2012.

Escultura de um anjo querubim, vestido com túnica de mangas curtas. A cabeça projetada para cima é composta de curtos cabelos encaracolados e ornada com uma coroa de flores. Os braços em posição elevada têm as mãos postas em forma de oração. A perna direita está flexionada e a esquerda de joelhos. Os pés estão expostos.

Esta representação iconográfica refere-se a um anjo orante. De maneira geral os anjos são os mensageiros de Deus. Como o nome já diz representa uma oração, uma súplica, um pedido a Deus "(...) Deus mandará que os anjos dele cuidem de você para protegê-lo aonde quer que você for" (Sl 91,11).

## CA.CP 08



Figura 55: Vista geral da sepultura  
Arquivo do LADA.



Figura 56: Vista frontal do anjo querubim orante. Foto:  
Arquivo do LADA



Figura 57: Vista lateral esquerda do anjo  
querubim orante. Foto: Aline Gomes,  
2012.

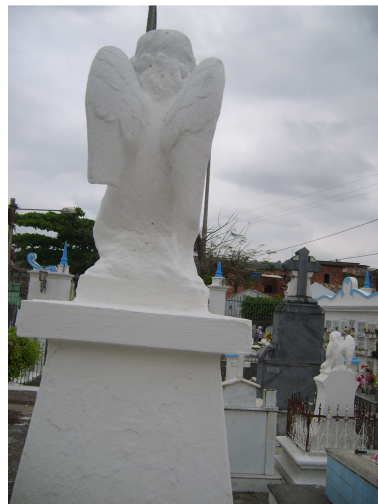


Figura 58: Vista de fundo do anjo querubim orante. Foto:  
Aline Gomes, 2012.

Escultura de um anjo querubim, trajando apenas um perizônio. A cabeça projetada para cima é ornada com cabelos cacheados partidos ao meio. Os braços presos ao tórax têm as mãos postas em forma de oração. Pernas flexionadas, de joelhos.

Esta representação iconográfica, muito recorrente nos cemitérios do período oitocentista, refere-se a “(...) um anjo (...) em atitude de oração designado nos álbuns dos marmoristas à época como ‘anjo espreme-limão’ em virtude da posição de suas mãos (LIMA, 1994, p. 106), o qual súplica, intercede e pede a Deus “(...)

quando (...) oraram, fui eu que levei as suas orações até a presença gloriosa do Senhor” (Tb 12, 12).

### CA.CP 09

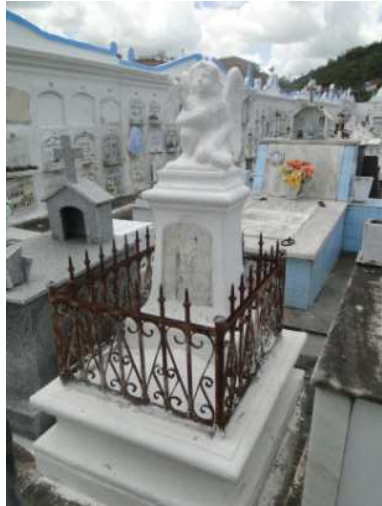


Figura 59: Vista geral da sepultura. Foto: Arquivo do LADA.

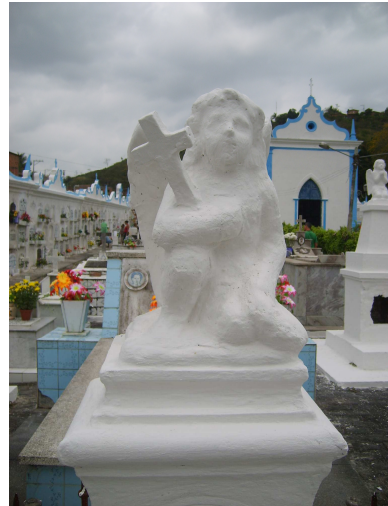


Figura 60: Vista frontal do anjo querubim. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 61: Vista lateral esquerda do anjo querubim. Foto: Aline Gomes, 2012.



Figura 62: Vista de fundo do anjo querubim. Foto: Aline Gomes, 2012.

Escultura de um anjo querubim. A cabeça é ornada com longos cabelos cacheados. O braço esquerdo dobrado sobre o tórax, segura uma cruz. O direito caído segura uma guirlanda de flores. As pernas estão flexionadas, com a esquerda sustentando o braço e a cruz.

Esta representação iconográfica refere-se a um anjo. Traz em uma das mãos o símbolo da cruz, o qual é representativo do sacrifício de Cristo e na outra uma

coroa de flores simbolizando a salvação “Pois quando os mortos ressuscitarem serão como os anjos do céu” (Mt 22, 30).

### **3.3. PROPOSTA DE MUSEALIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS DE CACHOEIRA**

Os cemitérios de Cachoeira podem ser compreendidos como elementos significativos que compõem o patrimônio cultural da cidade, manifestados nas práticas simbólicas de sepultar os mortos e concretizados nas esculturas tumulares musealizadas nesses recintos, os quais foram aqui concebidos como instituição museológica por desenvolverem ações pertinentes à Museologia.

O significado de patrimônio cultural foi colocado neste trabalho a partir da Declaração de Caracas e partindo dessa definição podemos perceber a importância dos ambientes funerários entendidos como testemunhos da dinâmica social. O patrimônio material é todo objeto que identifique a presença do homem em uma determinada sociedade, como podemos perceber nos espaços cemiteriais de Cachoeira. Enquanto bens tombados necessitam que se tenha uma política de salvaguarda para que esses não sejam alvo de vandalismo e descaso como está acontecendo atualmente. É necessário que a comunidade se aproprie do seu legado e perceba que quando se preserva o patrimônio cultural se está preservando a sua memória, e conseqüentemente a sua identidade.

Os cemitérios são patrimônio cultural de interesse de todos, necessitam que “os donos” desses bens tombados sejam responsáveis por sua integridade e promovam ações de preservação e conservação nestes locais que guardam a memória de suas práticas coletivas. A preservação desses locais refere-se à manutenção “(...) no estado físico em que se encontram e a desaceleração de sua degradação, visando prolongar e salvaguardar o patrimônio cultural” (GHIARDELLO e SPISSO, 2008). É necessária e urgente a preservação dos cemitérios, visto que são espaços que testemunham as práticas mortuárias da coletividade e que estão sofrendo perdas dos seus objetos, decorrentes do roubo e vandalismo, por descaso e desconhecimento das autoridades e moradores locais.

A destruição do patrimônio acarreta a perda de registros das práticas humanas ao longo da sua história e provoca o rompimento do conhecimento que poderia ser transmitido de geração a geração. A musealização é uma das formas de salvaguardar o patrimônio cultural que está ameaçado de destruição. Essa ação se

inicia com o “olhar museológico” sobre as coisas, o qual seleciona o que pode e o que não pode ser musealizado. Sendo assim a musealização é “de caráter seletivo e político, vinculada a um esquema de atribuição de valores: culturais, ideológicos, religiosos, econômicos etc.” (CHAGAS, 1994, p.60).

Para Guarnieri (1990) pode-se realizar a musealização retirando o objeto de seu contexto, e levando-o para o museu tradicional ou deixando-o preservado *in situ*. Sugerimos, pois, a musealização *in situ* para as necrópoles de Cachoeira, visto que esta forma de preservação para os recintos funerários da cidade pode trazer para a comunidade benefícios, tanto econômico e social como também o sentimento de apropriação deste patrimônio, compreendo-o como parte de sua cultura e identidade.

Mas para que aconteça, verdadeiramente, a musealização desses espaços é necessário que se promova um intenso processo de Educação Patrimonial com a comunidade, para que esta se aposses do legado que lhe pertence e não pratique vandalismo para com os bens funerários. A partir de ações educacionais é possível preservar os cemitérios do descaso e da destruição e fazer as pessoas perceberem que estes espaços são locais que guardam, além dos objetos mortuários, a memória de seus antepassados, suas práticas sociais e sua história.

Os cemitérios estão situados nas comunidades carentes de Cachoeira e são, constantemente, utilizados como repositório de lixo doméstico, além de usuários de drogas, estarem ocupando os recintos funerários impossibilitando assim a entrada dos pesquisadores.

Como as necrópoles da cidade são instituições particulares, administradas por representações católicas, faz-se necessário firmar convênios entre estas instituições e os poderes públicos para que o processo de musealização possa se efetivar, de forma que os recintos funerários tenham infra-estruturas necessárias para que sejam inseridos no circuito cultural de visitação da cidade.

O turismo cultural compreende a forma de conhecer os monumentos artísticos e históricos e os cemitérios podem e devem ser uma alternativa de turismo e colocados no itinerário de visitação, já que abrigam em seus espaços grandes personalidades, obras de arte, história e curiosidades.

A partir da abordagem que fizemos dos cemitérios enquanto equipamentos culturais pelo Brasil e pelo mundo, exemplificando-os como espaços já musealizados, propomos a musealização das necrópoles de Cachoeira, no que

tange a integridade material e imaterial dos seus objetos mortuários. A proposta é que se faça um circuito cultural, com roteiro programado, para os cemitérios e integrando-os ao itinerário de visitação da cidade, começando pelo cemitério da Piedade, ao lado do qual, em uma das salas do velório, teria uma recepção para acolhida inicial dos visitantes, passando pelo dos Alemães, do Carmo e encerrando a visita nos Nagôs. Como já acontecem com alguns dos cemitérios museus existentes, a exemplo do Campo Santo e do Cemitério dos Ingleses de Salvador, poder-se-ia utilizar um percurso ilustrativo para orientar o visitante acerca do caminho a ser seguido. As fotos a seguir ilustram o roteiro utilizado nestas necrópoles e que pode nortear a proposta de musealização por nós sugerida (Figs. 63 e 64).



Figura 63: Placa informativa do circuito de visitação. Campo Santo, Salvador. Foto: F. Comerlato, 2011.



Figura 64: Visitantes no circuito de visitação. Campo Santo, Salvador. Foto: F. Comerlato, 2011.

O Campo Santo, em Salvador, é um sítio musealizado que possui um roteiro turístico, como abordamos anteriormente, e livretos explicativos que auxiliam o visitante do Circuito Cultural a melhor observar os elementos históricos e artísticos, além de conhecer os nomes dos vultos sepultados no local (COSTA, s/d.).

A musealização *in situ* é um excelente equipamento de turismo de massa, pois atrai um público visitante em maior número do que o museu convencional, como nos aponta Luís Raposo ao listar os sítios musealizados e seu potencial turístico (RAPOSO, 1999). O autor ainda coloca que não é fácil manter um sítio musealizado, visto que o custo é bastante elevado. Mas, podemos perceber que a partir da parceria dos órgãos competentes com a comunidade do entorno pode-se realizar ações preservacionistas para salvaguarda dos recintos cemiteriais.

Para que a proposta de musealização se efetive é essencial que as autoridades e a comunidade se apropriem da importância que tem esses bens do ponto de vista histórico, cultural e patrimonial e promovam ações concretas que preservem e comuniquem o patrimônio funerário de Cachoeira.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a Época Moderna os enterros eram realizados dentro das igrejas e a sociedade vivia um catolicismo impregnado de intensa ritualização e muito se pensava na morte e como ter um enterro digno. Sendo assim, as pessoas se associavam a irmandades e ordens terceiras para que fossem rezadas missas em sua intenção.

Devido aos gases liberados pelos corpos em decomposição, a partir do século XIX os mortos já não podiam ser enterrados dentro dos espaços sagrados das igrejas, ocasionando várias mudanças nas práticas sociais de enterramento. Por isso, era necessário construir outras acomodações para os sepultados, surgindo então os cemitérios secularizados. A construção desses espaços a céu aberto ocorreu com a lei promulgada por D. Pedro I. A partir de então, a sociedade burguesa passou a construir túmulos cada vez mais suntuosos que pudessem demonstrar seu poder econômico e distinção social.

Os cemitérios são locais de memória que simbolizam os ritos funerários da sociedade, constituindo-se como patrimônio cultural da mesma. São espaços que testemunham o material e o imaterial das práticas funerárias ao longo do tempo. Podemos perceber nos cemitérios oitocentistas uma expressividade artística que mostra toda a beleza da arte que se encontra dentro desses seus espaços e como esta arte foi influenciada pelo pensamento de uma classe dominante. O cemitério como monumento portador de significados evoca as lembranças das pessoas que estão sepultadas em seu interior, perpetuada na memória da coletividade.

Enquanto museu, os cemitérios propiciam uma relação entre o homem e seu patrimônio dentro do contexto cemiterial. Através da exposição da arte cemiterial, num roteiro de visita, pode acontecer a interação entre o homem e o objeto institucionalizado.

Os cemitérios integram o patrimônio artístico e cultural de uma cidade porque guarda em seus interiores a memória de um passado carregado de simbologias. Como espaços evocativos de lembrança, os recintos funerários de Cachoeira salvaguardam as práticas funerárias da coletividade.

Os cemitérios da cidade são datados da segunda metade do século XIX. O cemitério dos Nagôs foi construído em 1864, o da Piedade foi concluído em 1890 e o

cemitério do Carmo teve sua pedra fundamental lançada em 1892. Sendo que o da Piedade é o único em atividade, funciona como cemitério municipal.

A Museologia é uma área do conhecimento que estuda a relação do homem com o seu patrimônio. Através da ação comunicacional em uma instituição com fins museológicos pode-se perceber a interação que ocorre entre homem e o objeto dentro do cenário institucionalizado. Nos recintos funerários a comunicação se efetiva através dos objetos mortuários, os quais são portadores de valores simbólicos.

A partir do método iconográfico de Panofsky analisamos, iconograficamente, as nove representações da arte tumular onde podemos perceber expressa, em cada escultura, a religiosidade cristã.

Propomos para os recintos funerários de Cachoeira a musealização, para que seja salvaguardado nesses espaços tanto o material (os objetos com seu valor artístico), quanto o imaterial representado nas práticas funerárias da coletividade. Sabemos que ela não acontece de uma hora para outra. É necessário, primeiramente, um intenso processo de Educação Patrimonial para depois serem fundamentadas as ações de preservação.

Portanto, a musealização pode e deve ser uma alternativa de proteção para os recintos funerários de Cachoeira. Para que os cemitérios da cidade sejam visitados pela história dos vultos inumados nas sepulturas, pela beleza dos objetos funerários e não somente para prática dos ritos funerários.

## REFERÊNCIAS

### Fontes impressas e manuscritas

Livro de termos, iniciado em 1914. Arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.

Jornal A Pátria. Ano II. Número 6, 1892. Arquivo Municipal, de São Félix, Dr. Júlio Ramos de Almeida.

Fotografia do Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, Cachoeira (BA). Arquivo Central do IPHAN. Fotógrafo: Pinheiro, 1942, Seção do Rio de Janeiro.

Sessão do dia 25 de março de 1866. Livro 36, período de 1861 a 1869. Ata de sessão da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

Sessão do dia 8 de abril de 1866. Livro 36, período de 1861 a 1869. Ata de sessão da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

Sessão do dia 15 de abril de 1866. Livro 36, período de 1861 a 1869. Ata da sessão da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

Regulamento interno do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira. Livro 53, período 1878. Aprovado em sessão da Mesa Administrativa do dia 24 de abril de 1878.

### Bibliografia

Arte no Brasil. São Paulo: Ed. Abril, v. 2, 1979.

BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BIBLÍA Sagrada. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

BORGES, Maria Elizia. **A Estatuária Funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa**. In: Anais da VIII Abanne. São Luís – UFMA: Associação Brasileira de Antropologia, 2003, v. 01, p. 112-113.

BORGES, Maria Elizia. **Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil**. In: XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. São Paulo. ANPAP na Travessia das Artes. São Paulo, 2001a, v.1, p. 10-15.

BORGES, Maria Elizia. **Ressignificações da saudade e da desolação: pranteadoras guardiãs perenes dos túmulos**. In: XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Campinas, 2001b.

BRUNO, Cristina. **Principais campos da ação museológica**. Seminário CCBB/ 20 a 24 de Julho de 2004, p.1.

CALDERÓN, Valentin. **O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Salvador, 1976, p.36.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **Entre a lembrança e o esquecimento: Implicações do descaso patrimonial para a arte funerária do Rio Grande do Sul**. In: 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Cachoeira – BA, 2010, p. 540.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008)**. Santa Catarina: UFSC/PGAU, 2008a.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier ruth in Gott: Inventário de cemitérios de imigrantes**

alemães da região da Grande Florianópolis. Blumenau: Nova Letra, 2008b.

CHAGAS, Mário. **No Museu com a turma do Charlie Brown.** In: Cadernos de Museologia nº 2. 1994, pp. 58-60.

COMERLATO, Fabiana. **Os cemitérios de Cachoeira e São Félix:** identificação, análise e preservação. Cachoeira: UFRB (projeto de pesquisa), 2010.

COMERLATO, Fabiana. **Os cemitérios de Cachoeira e São Félix:** patrimônio do Recôncavo da Bahia. In: Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales / V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, 2011, Salvador. **Anais do Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales.** Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, 2011. p.101 – 105.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos A. C. **Dicionário da Arquitetura Brasileira.** São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora LTDA, 1ª ed., 1972.

COSTA, Carlos Alberto Santos. **A Sé primacial do Brasil:** uma perspectiva histórico-arqueológica. Revista de História da Arte e Arqueologia, v. 1, p.51-82, 2011.

COSTA, P. S. da. **Campo Santo:** personagens, arte e cultura. Salvador: Santa Casa de Misericórdia da Bahia, s/d.

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. In: O campo de Atuação da Museologia São Paulo: Annablume, 2005, p. 34.

CURY, Marília Xavier. **Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus.** In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, volume 1. 2010, pp.269-279.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Trad. e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto (coord.). **Sítio Antiga Igreja da Sé e sítio Pátio dos Estudos Gerais - Antigo Colégio dos Jesuítas. Relatório Final da Segunda Etapa do Plano de Intervenção Arqueológica. Julho 2000 / Janeiro 2001**. Salvador: MAE/UFBA, fev. 2011.

FONSÊCA, Humberto José. **Vida e morte na Bahia colonial: Sociabilidades festivas e rituais fúnebres (1640-1760)**. Belo Horizonte, MG. UFMG/FAFICH/DH, 2006, pp. 287-288.

GHIRARDELLO, Nilson e SPISSO, Beatriz; colaboradores: FARIA, Gerson Geraldo Mendes. **Patrimônio histórico: como e por que preservar**. Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico. 3ª Ed. Bauru, SP: Canal 6, 2008.

GUARNIERI, W. R. C. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação**. In: Cadernos Museológicos, nº 3. Rio de Janeiro: IBPC, 1990.

HERBERTS, Ana Lucia e CASTRO, Elisiana Trilha. **O Patrimônio Funerário ao longo do Caminho das Tropas nos campos de Lages**. Blumenau: Nova Letra, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: História e Memória. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Tânia Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2, p. 87-150, 1994.

MENDES, Cibele de Mattos. **Práticas e representações artísticas do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo**: Salvador século XIX (1850-1920). Salvador, 2007.

MIRANDA, L. dos Passos. **Enciclopédia do Estudante**: história da arte: artistas, estilos e obras-primas. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

MOTTA, Antonio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. Nº 71, 2009.

MOTTA, Antonio. Cemitérios oitocentistas nas fronteiras entre antropologia e história. AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques (orgs.). **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010, p. 209-231.

NORA, Pierre. **Os lugares de memória, uma outra história**. In: Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Trad.: Yora Aun Khoury. São Paulo, 1993, p. 21.

OLIVEIRA, Lenise Grasielle de. **Da inscrição ao apagamento**: memória e morte. In: Revista Memento. Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNICOR. N.1, v.1, jan.-jun. 2009.

OSMAN, Samira Adel e RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. **Arte, História, Turismo e Lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo**. Belo Horizonte, 2007, pp. 1-15.

PANOFSKY, Erwin. **Significados nas artes visuais**. Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004, pp. 47-87.

PRIMO, Judite. **Estatuto do ICOMOS**. In: Cadernos de Sociomuseologia n.º 15, 1999, p. 15.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Caracas**. In: Cadernos de Sociomuseologia n.º 15, 1999, p. 240.

RAMOS, Renata. **Preservação patrimonial e conservação dos cemitérios de Cachoeira e São Félix**. Relatório final, 2010/2011, pp. 30.

RAPOSO, Luís. **Museus de arqueologia e sítios arqueológicos musealizados – identidades e diferenças**. In: O Arqueólogo Português. Série IV, 1999, p. 51-72.

REAL, Regina M. **Dicionário de Belas Artes**. Rio de Janeiro: Editora fundo de cultura, 1ed., 1962.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.13.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios**. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007, p.56-67.

SANTANA, Angela Cristina Salgado de. **Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira: Saúde, História e Cultura**. Angela Cristina Salgado de Santana (organizadora). Salvador: Vento Leste, 2012, p.40.

TIMPANARO, Mirtes. **A morte como memória: imigrantes nos cemitérios da Consolação e do Brás**. São Paulo, 2006, p. 18.

VALLADARES, C. do P. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2 vol.

VALLADARES, C. do P. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Revista Brasileira de Cultura. Ano V, n. 15, p. 9-16, jan/mar. 1973.



XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua portuguesa**. 2ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

### **Sites visitados**

European Cemeteries Route. Disponível em: <<http://www.cemeteriesroute.eu/en/>>. Acessado em 27 de abr. 2013.

Figura. Disponíveis em: <[https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&gs\\_rn=11&gs\\_ri=psye](https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&gs_rn=11&gs_ri=psye)>. Acessado em 26 de abr. 2013.

< [www.cidadeshistoricas.art.br/mucuge/muc\\_mon\\_p.php](http://www.cidadeshistoricas.art.br/mucuge/muc_mon_p.php)>

Jornal Folha. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)>. Acessado em 25 de abr. 2013.

<[http://www.sctur.com.br/joinville/casa\\_da\\_memoria.asp](http://www.sctur.com.br/joinville/casa_da_memoria.asp)>. Acessado em 27 de abr. 2013.

<<http://paroquiasaojosese.blogspot.com.br/2011/12/espiritualidade-do-sagrado-coracao.html>>. Acessado em 23 de abr. 2013.

<Portal. Iphan. gov.br>. Acessado em 23 de abr. de 2013.

## GLOSSÁRIO

**Alegoria:** obra de arte representando uma idéia abstrata. Uma representação figurativa, que transmite outro conceito para além do literal, geralmente encontradas em esculturas (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 52).

**Alvenaria:** obra composta de pedras ou tijolos, ligados ou não por argamassa (XIMENES, 2000, p. 47).

**Anjo:** representação de figura alada encontrada em esculturas, painéis, em diferentes formatos e materiais (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 53).

**Art déco:** Termo de origem francesa que refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas e arquitetura no período de guerra na Europa. O Art déco liga-se na origem ao Art nouveau.

**Art nouveau:** Em francês, “arte nova”; movimento europeu do fim do século XIX e começo do XX. Influenciou a pintura, o cartaz, a escultura e as artes aplicadas, com forte unidade de estilo; marca o surgimento do desenho industrial (Arte no Brasil, 1979, p. 984).

**Cabeceira:** Elemento localizado na parte superior da sepultura, onde geralmente estão os dados do morto, epitáfio e ornamentos (RAMOS, 2011).

**Cimento:** substância em pó que se umedece para formar pasta aglutinante, plástica, a qual endurece pela perda progressiva de água (XIMENES, 2000, p. 213).

**Eclético:** Diz-se do artista ou da obra caracterizados por seu ecletismo, que é tendência para fundir características de correntes artísticas, filosóficas ou literárias de diferentes orientações; frequentemente produz obras acadêmicas e sem originalidade (Arte no Brasil, 1979, p. 999).

**Epitáfio:** são palavras, frases ou textos adicionais aos dados do sepultado (datas e nome), como citações bíblicas ou frases celebrativas do morto ou de sua memória, geralmente, presentes nas lápides, mas podendo vir também, horizontalmente sobre o túmulo (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 54).

**Gradil:** armação de ferro ou outro material, em forma de grades, para vedação ou proteção (Idem, p. 49).

**Escultura sacra:** esculturas que representam divindades cristãs, como santos, santas, virgens e Jesus Cristo (Ibidem, p. 53).

**Imagem profana:** Representação imagética que não é religiosa (XIMENES, 2000, p. 758).

**Jazigo:** Edificação utilizada nos cemitérios para sepultamento de várias pessoas, geralmente de menor porte que o mausoléu e maior que o túmulo (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 49).

**Lápide:** Entende-se por lápide o local (suporte) onde está a inscrição, podendo ser vertical, geralmente junto á cabeceira, ou horizontal. Já para a análise considera-se como lápide o local onde constar a identificação do sepultado – nome e datas e também onde se localizar o epitáfio (RAMOS, 2011, p. 8).

**Mausoléu:** trata-se de um túmulo de grande porte, que ultrapassa as dimensões do túmulo por meio de formas que remetem a casas, capelas e que podem agregar diferentes referenciais, como esculturas e outros ornamentos, podendo abrigar um ou mais sepultamentos (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 49).

**Metal:** Os minerais têm como característica o brilho e condutibilidade elétrica. Dentre os mais conhecidos vamos ter: ferro, bronze, cobre, chumbo, alumínio, titânio, prata, ouro, etc. Os metais são muito utilizados nas construções, como reforços estruturais. Nos cemitérios, eles vão ser encontrados na forma de ligas metálicas – união de dois ou mais metais, com a finalidade proporcionar resistência (se for utilizado em construção) ou condutibilidade elétrica –, em peças como: alças, correntes, cruzes, molduras etc. (RAMOS, 2011, p. 9).

**Modernista:** As obras deste estilo apresentavam como características comuns formas geométricas definidas, sem ornamentos; separação entre estrutura e vedação; uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício; panos de vidro contínuos nas fachadas ao invés de janelas tradicionais; integração da arquitetura com o entorno pelo paisagismo, e com as outras artes plásticas através do emprego de painéis de azulejo decorados, murais e esculturas.

**Neoclássico:** Estilo iniciado na Europa na segunda metade do século XVIII; sugestionado pelos achados arqueológicos em Pompéia, repudia o Barroco e tenta reviver os elementos arquitetônicos e o gosto da Antiguidade greco-romana (Arte no Brasil, 1979, p.1018).

**Neogótico:** Movimento artístico, meados do século XIX, que se baseia esteticamente no estilo gótico (MIRANDA, 2008).

**Obelisco:** monumento alongado e quadrangular, feito de pedra e erguido sobre pedestal (XIMENES, 2000, p. 668).

**Oratório:** pequenas construções semelhantes a casas, presentes nos túmulos, geralmente utilizadas para colocação de velas e imagens sacras, podendo ter partes em vidro e encaixado, principalmente, nos túmulos de granito (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 53).

**Ornamentos:** todo símbolo ou adereço presente em uma sepultura, podendo ser pintado, colocado ou entalhado sobre esses, com a proposta de embelezamento ou para referências religiosas (Idem, 52).

**Pedra ornamental:** As pedras ornamentais constituem uma ótima opção de revestimento para pisos e paredes, graças à durabilidade e aos efeitos estéticos que proporcionam a exemplo do granito e do mármore (RAMOS, 2011, p.9).

**Pilastra:** pilar de quatro faces, aderente a uma edificação ou parede (XIMENES, 2000, p.725).

**Pináculo:** Coroamento de um contraforte, de um apoio vertical, terminando em cone ou pirâmide (REAL, 1962, p. 396).

**Portão:** Antigamente, a porta grande, a portada que dava acesso à rua. A porta de entrada e de saída. O uso da palavra estendeu-se à cancela ou à porta dos gradis de fecho dos jardins domiciliares. Daí a cancela ou pequena porta chamar-se portão (CORONA e LEMOS, 1972, p.386).

**Puxador:** elementos, geralmente, de metal presentes nas tampas tumulares (HERBERTS e CASTRO, 2011, 54).

**Sepultura coletiva:** Composta de dois ou mais sepultados.

**Sepultura individual:** Composta de um sepultado.

**Signos antropomorfos:** Elemento decorativo que tem a forma ou aparência humana.

**Signos fitomorfos:** Elemento decorativo que tem a forma vegetal.

**Signos zoomorfos:** Elemento decorativo que tem a forma de animais.

**Signos geométricos:** Elemento decorativo que tem a forma geométrica.

**Símbolo decorativo:** são pinturas ou pequenos elementos decorativos em baixo ou alto relevo presentes nos túmulos ou mausoléus (HERBERTS e CASTRO, 2011, p. 54).


**Túmulo:** construção erguida, em memória de alguém, no lugar onde se acha sepultado, podendo abrigar um ou mais sepultamentos, composta por uma construção tumular que pode cobrir o espaço da sepultura ou delimitá-la, podendo ainda conter lápide vertical ou cabeceira (Idem, p.48).

**Vernacular:** É a arquitetura que usa técnicas construtivas locais, tem a ver com o ambiente, a cultura e a história de onde está inserida.

# APÊNDICE

**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA  
ARTE TUMULAR DOS  
CEMITÉRIOS DE  
CACHOEIRA**



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>				
N.º 01				
Sigla: CA.CN				
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>				
Presença de lápide: (x) sim      ( ) não				
Nº de sepultados: (x) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5				
Nome(s) dos sepultados: Honorina Joaquina da Silveira				
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>				
( ) Norte	( ) Sul	( ) Leste	( ) Oeste	
( ) Nordeste	( ) Noroeste	( ) Sudeste	( ) Sudoeste	
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>				
(x) Sepultura individual	( ) Sepultura coletiva	( ) Mausoléu		
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
(x) Cabeceira	(x) Lápide	( ) Gradil	( ) Oratório	(x) Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>				
( ) Cimento		( ) Vidro		
( ) Pedra ornamental		( ) Metal		
( ) Alvenaria		( ) Outros _____		
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
Sepultura individual com presença de lápide do cemitério dos Nagôs, contendo um sepultamento pertencente à Honorina Joaquina da Silveira, composta de cabeceira, lápide e ornamento, construída com				
<b>7-ORNAMENTOS</b>				
(x) Alegoria	( ) Fotografia	( ) Obelisco	( ) Cruz	
( ) Anjo	( ) Símbolo decorativo	( ) Gradil	( ) Oratório	

<input type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso
<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 2:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura feminina com a cabeça inclinada para a esquerda e ornada com cabelos longos, levemente presos, caindo nas costas. O queixo está apoiado na cruz. A mão direita segura um cálice com uma hóstia e a mão esquerda apóia-se numa cruz. O vestido tem mangas e cintura ornada com um cinto. A saia com caimento drapejado vai até os pés. A perna direita está flexionada e a esquerda reta. Os pés estão calçados com sandálias.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			



**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS CEMITÉRIOS  
DE CACHOEIRA**



**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA**

N.º 02

Sigla: CA.CC

**1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO**

Presença de lápide: (x) sim      ( ) não

Nº de sepultados: (x) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5

Nome(s) dos sepultados: João da Nova Milhazes

**2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA**

( ) Norte                      (x) Sul                      ( ) Leste                      ( ) Oeste

( ) Nordeste                      ( ) Noroeste                      ( ) Sudeste                      ( ) Sudoeste

**3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA**

(x) Sepultura individual      ( ) Sepultura coletiva      ( ) Mausoléu

**4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA**

(x) Cabeceira      (x) Lápide      (x) Gradil      ( ) Oratório      (x) Ornamento

**5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA**

( ) Cimento                      ( ) Vidro

(x) Pedra ornamental                      (x) Metal

(x) Alvenaria                      ( ) Outros \_\_\_\_\_

**6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA**

Sepultura individual do cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo, contendo um sepultamento pertencente a João da Nova Milhazes, composta de cabeceira, lápide, gradil e ornamento, tendo como material construtivo alvenaria e pedra ornamental e ferro fundido.

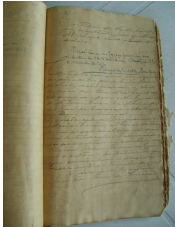


**7-ORNAMENTOS**

(x) Alegoria                      ( ) Fotografia                      ( ) Obelisco                      ( ) Cruz

( ) Anjo                      ( ) Símbolo decorativo                      (x) Gradil                      ( ) Oratório

( ) Imagem Sacra                      ( ) Pináculo                      ( ) Portão                      ( ) Vaso

<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 2:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura feminina alada, trajando vestido longo com caimento até os pés. A cabeça é ornada com cabelos longos em cachos. Traz no rosto um olhar dirigido para frente e os braços cruzados à frente do corpo. A mão esquerda segura a corrente de uma âncora que está encostada ao corpo. Tem os dedos dos pés expostos.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
			
Atestado de óbito			
<input checked="" type="checkbox"/> Manuscrita		<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	
		<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>			
N.º 03			
Sigla: CA.CC			
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>			
Presença de lápide: (x) sim      () não			
Nº de sepultados: (x) 1   () 2   () 3   () 4   () 5			
Nome(s) dos sepultados: Geraldo Coelho da Silva			
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Leste	<input type="checkbox"/> Oeste
<input type="checkbox"/> Nordeste	<input type="checkbox"/> Noroeste	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Sudoeste
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Sepultura individual	<input type="checkbox"/> Sepultura coletiva	<input type="checkbox"/> Mausoléu	
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cabeceira	<input checked="" type="checkbox"/> Lápide	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
		<input checked="" type="checkbox"/> Ornamento	
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cimento		<input type="checkbox"/> Vidro	
<input type="checkbox"/> Pedra ornamental		<input type="checkbox"/> Metal	
<input checked="" type="checkbox"/> Alvenaria		<input type="checkbox"/> Outros _____	
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<p>Sepultura individual com presença de lápide do cemitério da Venerável Ordem Terceira do Carmo, com um sepultamento pertencente a Geraldo Coelho da Silva. Composta de ornamento construída com alvenaria de tijolos.</p>			
<b>7-ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Alegoria	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Obelisco	<input type="checkbox"/> Cruz
<input type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório

<input type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso
<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 2:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria: H. Pahlman		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura feminina trajando túnica. A cabeça está coberta com manto que se estende até a altura do quadril. O rosto inclinado para a direita sustenta o mesmo com a mão, a qual está apoiada sobre metade de uma coluna encoberta quase totalmente pelo manto. A mão esquerda segura uma guirlanda de flores. Tem os dedos do pé esquerdo expostos.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
			
Atestado de óbito			
<input checked="" type="checkbox"/> Manuscrita		<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	
		<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data:2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>				
N.º 04				
Sigla: CA.CP				
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>				
Presença de lápide: (x) sim      ( ) não				
Nº de sepultados: (x) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5				
Nome(s) dos sepultados: Dr. Aristides Augusto Milton				
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>				
( ) Norte	( ) Sul	(x) Leste	( ) Oeste	
( ) Nordeste	( ) Noroeste	( ) Sudeste	( ) Sudoeste	
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>				
(x) Sepultura individual	( ) Sepultura coletiva	( ) Mausoléu		
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
(x) Cabeceira	(x) Lápide	( ) Gradil	( ) Oratório	(x) Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>				
( ) Cimento		( ) Vidro		
(x) Pedra ornamental		( ) Metal		
(x) Alvenaria		( ) Outros _____		
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
<p>Sepultura individual com presença de lápide, do cemitério da Piedade contendo o sepultamento de Dr. Aristides Augusto Milton, a leste, composta de cabeceira, lápide e ornamento, tendo como material construtivo alvenaria e pedra ornamental.</p>				
<b>7-ORNAMENTOS</b>				
(x) Alegoria	( ) Fotografia	( ) Obelisco	( ) Cruz	
( ) Anjo	( ) Símbolo decorativo	( ) Gradil	( ) Oratório	
( ) Imagem Sacra	( ) Pináculo	( ) Portão	(x) Vaso	

<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Alegoria	Altura máxima: 1,45 cm	Comprimento: 75 cm	
Ornamento 2: Palma	Altura máxima: 74 cm	Comprimento: 23 cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___cm	Comprimento: ___cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria: Paulo Herold C. Santo-Bahia		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
Escultura feminina trajando um vestido simples com caimento reto. A cabeça, inclinada para a direita, tem os cabelos partidos ao meio e levemente presos. As mãos estão separadas com a esquerda encostada ao corpo, segura uma palma e a direita, elevada trazia um rosário. Os pés estão encobertos pelo vestido.			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
A escultura tinha em sua mão direita um rosário.			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input checked="" type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			

**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS CEMITÉRIOS  
DE CACHOEIRA**



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>			
N.º 05			
Sigla: CA.CP			
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>			
Presença de lápide: (x) sim      () não			
Nº de sepultados: () 1 () 2 () 3 () 4 (x) 5			
Nome(s) dos sepultados: Julio Rodrigues Serra, Carolina Simplicia Serra, Isabel Simplicia de Santana Costa, Antonia de Santana Cajazeira e Maria Herculana de Jesus.			
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Leste	<input type="checkbox"/> Oeste
<input type="checkbox"/> Nordeste	<input checked="" type="checkbox"/> Noroeste	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Sudoeste
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Sepultura individual	<input checked="" type="checkbox"/> Sepultura coletiva	<input checked="" type="checkbox"/> Mausoléu	
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cabeceira	<input checked="" type="checkbox"/> Lápide	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
<input checked="" type="checkbox"/> Ornamento			
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cimento		<input type="checkbox"/> Vidro	
<input type="checkbox"/> Pedra ornamental		<input type="checkbox"/> Metal	
<input type="checkbox"/> Alvenaria		<input checked="" type="checkbox"/> Outros – Mármore	
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<p>Mausoléu e sepultura coletiva com presença de lápide do cemitério da Piedade, contendo cinco sepultamentos pertencentes a Julio e Carolina Serra, Isabel Costa, Antonia Cajazeira e Maria de Jesus, a noroeste, composta de lápide e ornamento, tendo como material construtivo o mármore.</p>			
<b>7-ORNAMENTOS</b>			
<input type="checkbox"/> Alegoria	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Obelisco	<input type="checkbox"/> Cruz
<input type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
<input checked="" type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso

<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Imagem Sacra	Altura máxima: 1,11 cm	Comprimento: 75 cm	
Ornamento 2: Cajado	Altura máxima: 1,12 cm	Comprimento: ___cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___cm	Comprimento: ___cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura masculina trajando túnica e manto. A cabeça está projetada para baixo, com cabelos longos, partidos ao meio, soltos até a altura dos ombros. O rosto traz barba crescida e o olhar dirigido para baixo. A mão direita, fechada, segura um cajado e a esquerda entreaberta encostada ao mármore. A perna esquerda está reta, enquanto a direita está flexionada com os pés calçados com sandálias.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			



**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS CEMITÉRIOS  
DE CACHOEIRA**

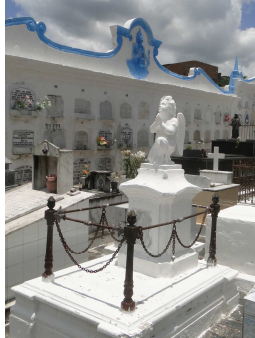


<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>			
N.º 06			
Sigla: CA.CP			
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>			
Presença de lápide: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
Nº de sepultados: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5			
Nome(s) dos sepultados:			
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Leste	<input type="checkbox"/> Oeste
<input type="checkbox"/> Nordeste	<input type="checkbox"/> Noroeste	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Sudoeste
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Sepultura individual	<input type="checkbox"/> Sepultura coletiva	<input type="checkbox"/> Mausoléu	
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cabeceira	<input type="checkbox"/> Lápide	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
			<input checked="" type="checkbox"/> Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Cimento		<input type="checkbox"/> Vidro	
<input type="checkbox"/> Pedra ornamental		<input checked="" type="checkbox"/> Metal	
<input type="checkbox"/> Alvenaria		<input type="checkbox"/> Outros _____	
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
Sepultura sem presença de lápide do cemitério da Piedade, a sudoeste, composta de ornamento e tendo como material construtivo bronze.			
<b>7-ORNAMENTOS</b>			
<input type="checkbox"/> Alegoria	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Obelisco	<input type="checkbox"/> Cruz
<input type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
<input checked="" type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso

<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Imagem Sacra	Altura máxima: 72 cm	Comprimento: 42 cm	
Ornamento 2:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input checked="" type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura masculina trajando túnica longa que chega até os pés. A cabeça levemente inclinada para a direita é ornada com cabelo repartido ao meio que vai até a altura dos ombros. No rosto a barba está crescida e o olhar dirigido para baixo. O ombro esquerdo é ornado com um manto drapejado que chega aos tornozelos. No centro do tórax está um coração flamejante. As mãos abertas mostram as palmas para cima. A perna esquerda está reta e a direita flexionada com os pés descalços expostos.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita		<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			

**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS  
CEMITÉRIOS DE  
CACHOEIRA**



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>				
N.º 07				
Sigla: CA.CP				
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>				
Presença de lápide: (x) sim      ( ) não				
Nº de sepultados: ( ) 1 (x) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5				
Nome(s) dos sepultados: Laurentina D’Affonseca e Josephina D’Affonseca				
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>				
( ) Norte	( ) Sul	( ) Leste	(x) Oeste	
( ) Nordeste	( ) Noroeste	( ) Sudeste	( ) Sudoeste	
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>				
( ) Sepultura individual	(x) Sepultura coletiva	( ) Mausoléu		
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
(x) Cabeceira	(x) Lápide	(x) Gradil	( ) Oratório	(x) Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>				
( ) Cimento		( ) Vidro		
( ) Pedra ornamental		( ) Metal		
(x) Alvenaria		(x) Outros – Mármore		
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
<p>Sepultura coletiva com presença de lápide do cemitério da Piedade, contendo dois sepultamentos pertencentes à Laurentina e Josephina D’ Affonseca, a oeste, composta de lápide e gradil e tendo como material construtivo alvenaria e mármore.</p>				
<b>7-ORNAMENTOS</b>				
( ) Alegoria	( ) Fotografia	( ) Obelisco	( ) Cruz	

<input checked="" type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input checked="" type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
<input type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso
<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Anjo	Altura máxima: 61 cm	Comprimento: 31 cm	
Ornamento 2: Gradil	Altura máxima: 69 cm	Comprimento: 84 cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___ cm	Comprimento: ___ cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input type="checkbox"/> Regular	<input checked="" type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<p>Escultura infantil de anjo, vestido com túnica de mangas curtas. A cabeça projetada para cima é composta de curtos cabelos encaracolados e ornada com uma coroa de flores. Os braços em posição elevada têm as mãos postas em forma de oração. A perna direita está flexionada e a esquerda de joelhos. Os pés estão expostos.</p>			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			

**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS CEMITÉRIOS  
DE CACHOEIRA**



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>			
N.º 08			
Sigla: CA.CP			
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>			
Presença de lápide: <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não			
Nº de sepultados: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5			
Nome(s) dos sepultados:			
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Leste	<input type="checkbox"/> Oeste
<input type="checkbox"/> Nordeste	<input checked="" type="checkbox"/> Noroeste	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Sudoeste
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Sepultura individual	<input type="checkbox"/> Sepultura coletiva	<input type="checkbox"/> Mausoléu	
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Cabeceira	<input type="checkbox"/> Lápide	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
			<input checked="" type="checkbox"/> Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Cimento		<input type="checkbox"/> Vidro	
<input type="checkbox"/> Pedra ornamental		<input type="checkbox"/> Metal	
<input checked="" type="checkbox"/> Alvenaria		<input type="checkbox"/> Outros _____	
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>			
Sepultura sem presença de lápide do cemitério da Piedade, a noroeste, composta de cabeceira e ornamento, tendo como material construtivo cimento e alvenaria.			
<b>7-ORNAMENTOS</b>			
<input type="checkbox"/> Alegoria	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Obelisco	<input type="checkbox"/> Cruz
<input checked="" type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório
<input type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso

<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Anjo	Altura máxima: 66 cm	Comprimento: 32 cm	
Ornamento 2:	Altura máxima: ___cm	Comprimento: ___cm	
Ornamento 3:	Altura máxima: ___cm	Comprimento: ___cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input type="checkbox"/> Regular	<input checked="" type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
Escultura infantil de anjo, trajando apenas um perizônio. A cabeça projetada para cima é ornada com cabelos cacheados partidos ao meio. Os braços presos ao tórax têm as mãos postas em forma de oração. Pernas flexionadas, de joelhos.			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			

**AS REPRESENTAÇÕES  
ICONOGRÁFICAS DA ARTE  
TUMULAR DOS CEMITÉRIOS  
DE CACHOEIRA**



<b>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE SEPULTURA</b>				
N.º 09				
Sigla: CA.CP				
<b>1-INFORMAÇÕES DO SEPULTADO</b>				
Presença de lápide: (x) sim      () não				
Nº de sepultados: (x) 1   () 2   () 3   () 4   () 5				
Nome(s) dos sepultados: Leopoldo F. Motta				
<b>2-ORIENTAÇÃO DA SEPULTURA</b>				
<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Leste	<input type="checkbox"/> Oeste	
<input type="checkbox"/> Nordeste	<input type="checkbox"/> Noroeste	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input checked="" type="checkbox"/> Sudoeste	
<b>3-TIPOLOGIA DA SEPULTURA</b>				
<input checked="" type="checkbox"/> Sepultura individual	<input type="checkbox"/> Sepultura coletiva	<input type="checkbox"/> Mausoléu		
<b>4-COMPOSIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
<input type="checkbox"/> Cabeceira	<input checked="" type="checkbox"/> Lápide	<input checked="" type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório	<input checked="" type="checkbox"/> Ornamento
<b>5-MATERIAIS CONSTRUTIVOS DA SEPULTURA</b>				
<input checked="" type="checkbox"/> Cimento		<input type="checkbox"/> Vidro		
<input type="checkbox"/> Pedra ornamental		<input type="checkbox"/> Metal		
<input checked="" type="checkbox"/> Alvenaria		<input type="checkbox"/> Outros _____		
<b>6-DESCRIÇÃO DA SEPULTURA</b>				
Sepultura individual com presença de lápide do cemitério da Piedade, contendo um sepultamento pertencente a Leopoldo F. Motta, a sudoeste, composta de lápide, gradil e ornamento, tendo como material construtivo cimento e alvenaria.				
<b>7-ORNAMENTOS</b>				
<input type="checkbox"/> Alegoria	<input type="checkbox"/> Fotografia	<input type="checkbox"/> Obelisco	<input checked="" type="checkbox"/> Cruz	
<input checked="" type="checkbox"/> Anjo	<input type="checkbox"/> Símbolo decorativo	<input checked="" type="checkbox"/> Gradil	<input type="checkbox"/> Oratório	

<input type="checkbox"/> Imagem Sacra	<input type="checkbox"/> Pináculo	<input type="checkbox"/> Portão	<input type="checkbox"/> Vaso
<input type="checkbox"/> Imagem profana	<input type="checkbox"/> Pilastra	<input type="checkbox"/> Puxador	<input type="checkbox"/> Epitáfio
<b>8-TIPOLOGIA DE ORNAMENTOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Signos Antropomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Fitomorfos	
<input type="checkbox"/> Signos Zoomorfos		<input type="checkbox"/> Signos Geométricos	
<b>9-DIMENSÕES DOS ORNAMENTOS</b>			
Ornamento 1: Anjo	Altura máxima: 58 cm	Comprimento: 40 cm	
Ornamento 2: Cruz	Altura máxima: 33 cm	Comprimento: 19 cm	
Ornamento 3: Guirlanda	Altura máxima: 24 cm	Comprimento: 22 cm	
Ornamento 4: Gradil	Altura máxima: 70 cm	Comprimento: 85 cm	
<b>10-DADOS CONSTRUTIVOS DA ESCULTURA</b>			
Material:		Técnica:	
Autoria:		Oficina:	
<b>11-ESTILOS</b>			
<input checked="" type="checkbox"/> Neoclássico	<input type="checkbox"/> Neogótico	<input type="checkbox"/> Art nouveau	<input type="checkbox"/> Art déco
<input type="checkbox"/> Eclético	<input type="checkbox"/> Vernacular	<input type="checkbox"/> Modernista	<input type="checkbox"/> Outro
<b>13-ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA ESCULTURA</b>			
<input type="checkbox"/> Boa	<input type="checkbox"/> Regular	<input checked="" type="checkbox"/> Ruim	
<b>14-DESCRIÇÃO DA ESCULTURA</b>			
Escultura infantil de anjo. A cabeça é ornada com longos cabelos cacheados. O braço esquerdo dobrado sobre o tórax, segura uma cruz. O direito caído segura uma guirlanda de flores. As pernas estão flexionadas, com a esquerda sustentando o braço e a cruz.			
<b>15-INFORMAÇÕES ORAIS</b>			
<b>16-FONTES HISTÓRICAS</b>			
<input type="checkbox"/> Manuscrita	<input checked="" type="checkbox"/> Iconográfica	<input type="checkbox"/> Oral	
<b>17-DADOS DA PESQUISA</b>			
Pesquisador: F. Comerlato, R. Ramos, M. Bulcão e A. Gomes			Data: 2010/2013
<b>18-ATUALIZAÇÃO</b>			